

||||| ||| ||| |||  
julliano mendes

 Ouro  
Preto  
Editora

Edwards e a

**EDWARDS  
E AS MORTES**

Juliano Mendes

# Edwards e as mortes

Título original

Edwards e as mortes, de Julliano Mendes

1. Literatura dramática
2. Dramaturgia brasileira
3. Teatro brasileiro

Julliano Mendes  
[www.jullianomendes.com](http://www.jullianomendes.com) (Julliano com dois L's)  
[gruporesidencia@gmail.com](mailto:gruporesidencia@gmail.com)

## Sumário

Meu Hamlet.....	6
EDVARDS E AS MORTES.....	11
CENA 1. PRÓLOGO.....	12
CENA 2. IPSOLÔNIA E SALVATÓRIA. ....	14
CENA 3. O PEDIDO DE IPSOLÔNIA .....	23
CENA 4. A DÚVIDA DE EDVARDS .....	26
CENA 5. A TABERNA.....	43
CENA 6. TRÊS FORMAS DE MORTE.....	64
CENA 7. A MORTE.....	74
CENA 8. O PACTO.....	82
CENA 9. AS CARTAS DE AMOR.....	86
CENA 10. ALFAIATARIA DE HOMENS BONS.....	98
CENA 11. UM TANGO COM A MORTE .....	111
CENA 12. UM NOVO EDVARDS.....	116
CENA 13. EDVARDS QUE MORREU .....	121
CENA 14. ENFIM, SALVATÓRIA .....	130
CENA 15: A POÇÃO .....	157
CENA 16. REVELAÇÕES .....	158
CENA 17 – MATAR IPSOLÔNIA.....	168
CENA 18 - SALVATÓRIA SALVA IPSOLÔNIA.....	174

CENA 19: O CHÁ.....	179
CENA 20 - DANÇA FINAL.....	184
DRAMATURGIA DE JULIANO MENDES.....	187

## Meu Hamlet.

***Edwards e as Mortes*** é um texto escrito em 2018. Eu pretendia investigar novas possibilidades da dramaturgia cruzada e praticar estudos recentes sobre a jornada do herói. Queria agregar à pesquisa uma proposição épica, em que uma voz narrativa assumisse constantemente a fala das personagens. Normalmente, não começo um texto segundo uma história pré-concebida. Para mim, a escrita vai se definindo e sendo definida, numa espécie de diálogo com a obra que se enreda. O ato de escrever e observar a escrita, escutá-la, dando-lhe autonomia. Não é uma fantasia, nem uma possessão. É uma série natural de escolhas a partir do material que vai surgindo. No ato da escrita, no meu caso inseguro e fugidio, é como se fosse uma improvisação.

***Edwards e as Mortes*** foi um texto que demorei a concluir. O quanto me modifiquei durante o processo está impresso nas páginas, talvez tenha resultado em qualquer irregularidade no percurso proposto, ou na estética que se impôs. Paciência. Houve passagens, cenas e falas que, em reescritas, precisei eliminar por completo. Porque esta jornada foi se revelando intrincada e exigente. O portal a ser atravessado era claro: como transformar um homem comum em um assassino? Quais os estratagemas éticos a serem enfrentados neste percurso? Que aprendizados e experiências eu precisaria oferecer a Edwards para parecer crível que, munido de uma nova perspectiva, ele realizasse uma ação que não lhe era possível antes? E, depois, transformado, multiplicado, destroçado, refeito, enfim, apto, este herói realizaria a ação que lhe foi delegada? Ou a grande mudança era o desejo de mudança?

E, afinal, porque um herói? Esta figura constantemente explorada nos filmes e nas novelas de televisão, mas também clássica, arraigada na forma das histórias que os pais contam para os filhos antes de dormir, configuração própria do homem social elevado a

exemplo, mártir, modelo.

Minha obra dramática se destina a contar histórias. Gabriela Walkmutt, a moça que busca referências claras de um passado incerto e impreciso em *O Queijo* foi minha primeira heroína. Sua trajetória, no entanto, é mais objetiva, mais simples. Edvards é mais mais complexo. Porque é um herói fraco. Ser fraco, porém, não seria nenhum problema pra ele. Mas, o que deflagra sua trajetória parte de uma ordem que, não raro, exige força: tornar-se outro sem o de-sejar. Um chamado para uma aventura que não era sua. Nos portais que atravessa, nos personagens que encontra, nas questões que ele mesmo se impõe durante o percurso, Edvards torna-se mais um aprendiz que um agente da própria transformação. Enfrentados seus desígnios, no fim ele resta repartido: um que se transformou e outro que não. Mudar é possível?

Nas indicações cênicas que faço ao longo do texto, reforço que tudo gira em torno de Edvards. Numa montagem que realizei com o Grupo Virundangas, *Andarilhos dos Sonhos*, construímos uma personagem que andava o mundo todo sem sair do lugar. Toda a encenação girava ao redor dele, literalmente. Agapito, esta personagem, nem mesmo falava. Os contrarregras que movimentam cenários e demais personagens em *Edvards e as Mortes* reforçam esta imagem, embora, sim, este herói seja muito mais ativo que aquele. Considere-se, no entanto, apenas uma sugestão qualquer indicativo de direção deste texto. Faço-o mais para organizar a imagem mental que surge enquanto escrevo, porque também sou diretor de teatro, do que para conduzir a encenação.

Há três importantes referências para a elaboração deste texto. De personagens que, como história, desenvolvem trajetórias de transformação impostas não por si, condicionadas a uma obrigação que não lhes cabia: Jesus, Édipo e Hamlet. Certa vez escrevi um experimento com estes três arquétipos reunidos numa mesma

tragédia chamada **3**. É um texto que está perdido em hd's antigos. Qualquer dia o público também. Essa obsessão sempre me perseguiu. Se as referências mais objetivas a Édipo e Jesus Cristo foram investigadas em *Edipalhaço – Coração de Porco*, Edvards tornou-se meu Hamlet. Aqui e ali espocam referências a Shakespeare que só evidenciam minha idolatria. Se é um fantasma absurdo que convoca Hamlet à vingança, é a senhora Ipsolônia, que retorna de uma experiência longa de quase-morte, quem convoca Edvards ao assassinato. Comparação perniciososa? Talvez. Uma de minhas diversões continua sendo chupar os ossos de Shakespeare.

Para concluir, devo dizer que, de todos os meus textos publicados recentemente, *Edvards e as Mortes* é o que mais funciona como literatura. Eu acho. A imposição de um narrador que fala através das personagens condiciona uma história que existe também para ser lida. Uma provável montagem talvez precise ponderar a necessidade de condensá-lo. Inclusive porque é um texto extenso. Elementos narrativos também são uma constante em minha obra. Nas peças, eles se conformam como textos projetados, voz off, narradores implícitos. Quando montamos a *Ópera de Três Vinténs* no Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, direção de Wilson Oliveira e música de Rufo Herrera, fui atravessado pela solução derradeira do texto, em que, depois de recorrer a todas as artimanhas para escapar da morte, Mac Navalha é salvo pelo próprio autor, numa guinada possível apenas no universo polissêmico e anti-naturalista que é a narrativa. Vejam bem: este autor que afirma sua presença não se personaliza na figura real de Bertolt Brecht, mas numa instância óbvia e objetiva de um texto que se apresenta como forma, como linguagem: a autoria. Revelar esta instância é o que mais me toca na dramaturgia épico-dramática. Acho, inclusive, que esta revelação pressupõe outras: a instância da atuação e da direção, e, porque não, do figurino, da cenografia, da iluminação. Ofereço meu texto a tais diálogos. Como materialidade, meu texto está aberto a interferências, reescritas,

descartes, complementos. Não deixo de ser autor, abrindo a autoria de minhas obras. Topa?

Julliano Mendes\*



*\* Julliano Mendes é ator, diretor e dramaturgo. Vocalista do Galanga, banda mineira de rock afropgressivo. É mestre em Estudos da Linguagem pelo departamento de letras da Universidade Federal de Ouro Preto, onde defendeu a dissertação “Do íntimo ao público: adaptação de textos não dramáticos para o teatro”. Fundou, em 2001, o Grupo Residência Teatro e Audiovisual, produzindo oito espetáculos. Em 2020 lançou o romance Um Circo, pela Editora Ouro Preto. Sua produção literária pode ser conferida no site [www.jullianomendes.com](http://www.jullianomendes.com). Atente-se que Julliano é com dois L’s.*

# EDVARDS E AS MORTES

## **PERSONAGENS:**

1. Edvards
2. Ipsolônia
3. Salvatória
4. Edvards um
5. Edvards dois
6. Edvards três
7. Edvards quatro
8. Edvards cinco
9. Edvards seis
10. Creuza
11. Neuza
12. Rádio
13. Computador
14. TV
15. Morte
16. Coro dos encomendadores de alma
17. Semenda
18. Almofadinha 01
19. Almofadinha 02
20. Almofadinha 03
21. Almofadinha 04
22. Edvards que morreu

## CENA 1. PRÓLOGO

*Edwards está limpando o corpo inerte de Ipsolônia.*

### **EDVARDS**

Ontem, no meio da noite, a senhora Ipsolônia acordou de seu sono sepulcral. Todos ficaram surpresos – seria melhor que ela estivesse morta. Mas não. Ela era uma dessas clássicas senhoras das peças históricas: sisuda, impertinente e má. Quando quase morreu, prepararam para ela, sob consternada emoção, um epitáfio lindíssimo, onde se lia, em letras banhadas a ouro: vá com deus. Mas foram passando-se os dias, os inimigos que se acumularam em frente a esta porta, torcendo por uma morte definitiva e aguda, foram ralen-tando, ralen-tando, até que não sobrou ninguém. Melhor. Sobrou ela. Uma réstia de vida insistente e aguda. Ah! E sobrou, também, este homem que ora vos fala, personagem central dessa história, Edwards. Aproveitem esse momento para atentarem-se aos detalhes de sua personalidade, porque este homem, para sua diversão, será rasgado, dividido, destruído e, para espanto geral, refeito. Como num show de mágica com o uso de cobaias vivas. Pobre homem, ou rato de laboratório, desses que são condenados para que milhões se salvem. Ele não queria ser herói, como é habitual. Mas será. E tudo começou assim: Eram duas da manhã. Edwards, como de costume, acordou para lavar os pés de Ipsolônia, como de resto todo o corpo. O pé esquerdo foi lavado como quem toca um peixe fresco. Ele vestiu as grossas meias de lã. Depois, retirou-as do pé subsequente: eis o exato momento em que tudo começou: Edwards sentiu um frio ácido correndo-lhe a espinha dorsal. Ao que, instaneamente, a voz rouca e sisuda de quem quase morreu, viveu:

### **IPSOLÔNIA**

De meia se faz o todo!

## **EDVARDS**

Estatelado como um gato acuado por um cão, Edvards embranqueceu, quis gritar, mas não tinha voz, quis correr, mas cadê pernas? E parado como uma pedra em agonia, Edvards viu a senhora Ipsolônia levantar-se de sua cama de mogno, fazer um leve movimento com os lábios superiores e, em seguida, soltar um estrondoso ar-roto. Depois deu uma longa espreguiçada, procurando esticar músculos retesados pelo tempo. O som que saiu de sua boca neste momento não foi nada parecido com aquele ronronar confortável de quem desfruta uma noite mais longa que o habitual: Ipsolônia gritou sua dor represada pela imobilidade, seu som era gutural e agudo ao mesmo tempo. Um som torpe, se fosse necessário um adjetivo mais preciso. Dir-se-ia que Edvards molhou as calças, mas isto ninguém provou contundentemente. Dizem, sim, que nas semanas seguintes ele estava mais branco que de costume.

## CENA 2. IPSOLÔNIA E SALVATÓRIA.

*Enquanto Edvards fala esse último texto, o cenário é transformado. Assim que Edvards termina seu texto, está em pé, ante uma mesa de chá posta. O relógio toca cinco badaladas. Depois, ele serve chá para as duas senhoras.*

### **IPSOLÔNIA**

Sim, eu estava morta.

### **SALVATÓRIA (depois de um riso cortês)**

Ora, minha cara, morta?

### **IPSOLÔNIA**

Morta.

### **SALVATÓRIA**

A senhora não há de admirar meu espanto.

### **IPSOLÔNIA**

E a senhora não há de admirar o meu.

### **EDVARDS**

Com licença.

*Edvards posiciona-se ao fundo do palco.*

### **SALVATÓRIA**

Como, o seu?

### **IPSOLÔNIA**

E sabe a senhora como é viver morta? Disseram-me depois: foram, ao todo, oitocentos e vinte e três dias em que estive morta. Pois bem, eu disse, lembro-me de todos eles. E passei a descrever

detalhes e dir-se-ia que eu estava viva, embora, a bem da verdade, tivesse eu a exata sensação de estar sonhando, e em sua fase mais próxima do que é letal, ou seja, completamente obscurecida.

**SALVATÓRIA** *(depois de um tempo de reflexão)*

O quê?

**IPSOLÔNIA** *(depois de um tempo de reflexão)*

Sim. Eu estava morta.

**SALVATÓRIA**

Pois, eu também.

**IPSOLÔNIA** *(num rompante)*

Não me diga.

**SALVATÓRIA**

Foram quatrocentos e quarenta e quatro dias. Embora num período interno ao seu, foi também profundo. E, digamos, quatrocentos e quarenta e quatro soa mais cabalístico que oitocentos e vinte e dois.

**IPSOLÔNIA**

Oitocentos e vinte e três.

**SALVATÓRIA**

E três.

**IPSOLÔNIA**

Somos de uma família onde quantidade importa.

**SALVATÓRIA**

Bem se vê.

## **IPSOLÔNIA**

Como?

## **SALVATÓRIA**

Morta. Complemente morta. Mais ainda: mais morta que a senhora, acho, porque já não ouvia mais nada. Ou sim, pelo contrário. Ouvia um zumbido perpétuo. Imagine a senhora, um intervalo de quarta aumentada de que não se conhece o fim. Cheguei a inventar-lhe ritmos variados, mas como fossem falsos, desisti. E passei a contar carneiros, mas não sei onde parei, talvez depois dos onze milhões setecentos e catorze mil, seiscentos e oitenta e três, ou seiscentos e oitenta e sete. Como disse, não sei. Depois o breu.

## **IPSOLÔNIA**

Eis onde nossas experiências se cruzam: no breu.

## **SALVATÓRIA**

Há ainda outro lugar: na vida.

## **IPSOLÔNIA**

O quê?

## **SALVATÓRIA**

Quem morre é como se tivesse sido marcado por ferro em brasa.

## **IPSOLÔNIA**

Pois fui. Uma esfera convulsa, que se assemelha a um corpo de serpente enrolado sobre si mesmo.

## **SALVATÓRIA**

E este símbolo lhe surgiu onde?

## **IPSOLÔNIA**

Como assim, onde?

**SALVATÓRIA**

Digo, em que periferia do corpo?

**IPSOLÔNIA**

Nas periferias carnavais.

**SALVATÓRIA**

Quais?

**IPSOLÔNIA**

É que não me apraz falar demasiado a palavra bunda.

**SALVATÓRIA**

Em qual bunda?

**IPSOLÔNIA**

Como assim? Só tenho uma.

**SALVATÓRIA**

Em qual nádega?

**IPSOLÔNIA**

Embora esteja mais fielmente localizada na esquerda, dir-se-ia que tivesse quase pulado para a direita, passando sobre o rego central, aquela região quase inútil não fosse ela o caminho que leva ao abismo.

*Tempo.*

**SALVATÓRIA**

Pois bem, acreditarias que tenho a mesma marca, mas em sentido oposto?

**IPSOLÔNIA**

Como assim?

**SALVATÓRIA**

O quê?

**IPSOLÔNIA**

Quão oposto o sentido?

**SALVATÓRIA**

Digamos que estivesse frente a um espelho, mas de costas.

**IPSOLÔNIA**

De costas para espelho ou para um espelho de costas?

**SALVATÓRIA**

Heim?

**IPSOLÔNIA**

Uma esfera convulsa, como um infinito envolto em pele de cobra?

**SALVATÓRIA**

Ao contrário.

**IPSOLÔNIA**

À distância, dir-se-ia que falava por uma conjunção bastante curiosa dos movimentos dos maxilares e dos olhos puxados, como fosse a serpente do paraíso asiática. Ou rica.

**SALVATÓRIA**

Que sabes tu das mulheres ricas?

**IPSOLÔNIA**

Sei que puxam os olhos. E os cantos da boca. Atrás das orelhas.

**SALVATÓRIA**

E não és tu mesma rica?

**IPSOLÔNIA**

Tu?

**SALVATÓRIA**

Quase como minha mãe.

**IPSOLÔNIA**

E quando estavas morta, se é que estavas morta, de que lhe adiantaria tamanha fortuna?

**SALVATÓRIA**

Adiantou-me a fortuna o fato de dormir em travesseiro quente.

**IPSOLÔNIA**

Como?

**SALVATÓRIA (*depois de refletir*)**

A senhora está duvidando de minha morte?

**IPSOLÔNIA**

Como?

**SALVATÓRIA**

A senhora está duvidando de minha morte.

**IPSOLÔNIA**

Não tenho plena certeza da minha, que dirá da tua...

**SALVATÓRIA**

Pois apostaria todas as minhas vidas, as que me restam, que estive mais morta que a senhora.

**IPSOLÔNIA**

E será possível morrer mais ou morrer menos?

**SALVATÓRIA**

Talvez não.

**IPSOLÔNIA**

Pois sim.

**SALVATÓRIA**

Mas se for, estive.

**IPSOLÔNIA**

O quê?

**SALVATÓRIA**

Morta, mas mais morta.

**IPSOLÔNIA**

E tens a marca na bunda mais marca na bunda que minha marca na bunda?

**SALVATÓRIA**

Não sei.

**IPSOLÔNIA**

E fortuna que se assemelha a minha? E incontinência urinária quando comes legumes? E medo de certas espécies de insetos que tem o ferrão em semelhança com um pequeno pênis? E noites de insônia? E uma vontade enorme de ter sido mãe porque descobriste já na primeira infância uma má formação em teu útero, como se teu útero estivesse condenado, quando de sua concepção, a formar um testículo de homem, claro, mas um testículo revestido de corpo de mulher e por unhas facilmente quebradiças e certa

compulsão por pobres e um desejo incontrolável de nunca ter nascido, um ódio incontrolável, uma obsessão pela dor, uma compulsão pela decadência moral, pela mais pura decadência moral, absurda e torpe?...

*Tempo*

**SALVATÓRIA**

Falavas de mim, ainda agora?

*Tempo*

**SALVATÓRIA**

Falavas de mim?

*Tempo*

**SALVATÓRIA**

Falavas de mim, pois não?

*Tempo*

**SALVATÓRIA**

Falavas?

*Tempo*

**SALVATÓRIA**

Faltando acrescentar que amo deus sobre todas as coisas e que esta minha certeza torna-me convicta que um dia ele chegará sorridente em minha cama, com suas barbas longas (porque disso eu tenho certeza: deus tem barbas) e dirá: 'agora sim, mulher, agora sim é chegada tua hora, agora sim, sem sustos, sem possibilidade de volta, vem comigo, viver o que não viveste, a meu lado, serás minha

esposa, para todo sempre'. Faltando isto, sei que falavas de mim.

### **IPSOLÔNIA (histérica)**

Não falava de outra, senão de mim mesma, sua velha fanfarrona. Até esse desejo aí de desposar deus é meu, tu sabes. Quem mandou contar-te intimidades... Chega desta palhaçada. Dessa putaria! Estou cansada de mim mesma! Sim! Eu tenho marca em ambas as bundas. Isso é um problema meu!

*Enquanto Ipsolônia fala, troca-se a cena para a próxima.*

### **IPSOLÔNIA**

Alguém paga minhas plásticas? Tenho prótese na bunda. Dói quando sento. As marcas que tenho, as tais serpentes convulsas, são cicatrizes. Mas a bunda é de quem? A senhora é uma velha louca porque eu sou uma velha louca. Estive morta. A senhora também. Mas nunca estivemos mais vivas. E agora? Será que nunca estivemos mais mortas? Faça-me o favor: vá procurar o que fazer. A senhora não é rica? Pois bem, que seja rica em silêncio! Contemple suas estepes douradas, pode até rir, mas não fale nada. A inveja! A cara da inveja. Deve haver nisso alguma compulsão sexual indômita. Um frêmito. Um desejo de me lambar até o beijo tomar forma de bico. É uma galinha? Que tenha bico, pois não! Edvards! Edvards!

## CENA 3. O PEDIDO DE IPSOLÔNIA

### **EDVARDS**

Edwards responde entre os dentes, porque ao medo que se deve ter (ou fingir) dos patrões, somava-se agora um medo de um quase fantasma.

### **IPSOLÔNIA**

Estavas aí há quanto tempo?

### **EDVARDS**

Mas, coitado, mesmo nesses momentos de leve pânico, o mordomo recorria a seu indefectível tom inglês, treinado nas melhores escolas de serviços da Escócia.

### **IPSOLÔNIA**

Chamei, Edwards. Sabes tu que, mesmo antes de quase morta, já te estimava em maior grau que aos demais vassalos. Não sabes?

### **EDVARDS**

Ah! Nessas horas Edwards pensava poucas e boas, mas não perdia seu ar de cão pastor.

### **IPSOLÔNIA**

Querido... Pois bem, sabes que nesse período em que estive quase morta, ou que quase estive morta, ou que ou quase ou estive morta, nada pude pedir-te. Lavavas meus pés, com aquele perfume de alecrim que só tu sabes a proporção correta de água morna e quente e fria, lavavas, mas não era eu quem pedia. Não é?

### **EDVARDS**

Em suas réplicas mentais Edwards era um libertino.

### **IPSOLÔNIA**

É isso, meu caro. Inconscientemente não queria desgastar-te com meus arroubos de tristeza e dor. Mas eu sabia que estavas lá, de pé, como um soldado, uma sombra de mim mesma. Estavas lá, como um duplo meu. A meu lado, fiel e constante, dedicado e prestativo, como sua mãe, aliás, e seu pai com minha mãe e seu avô com meu pai e minha mãe. Não é?

### **EDVARDS**

Edwards, nessas horas, mordida o beijo, apertava um pouco os olhos como quem fosse espirrar: coisas de quem mente bem.

### **IPSOLÔNIA**

Estimado Edwards, exalas verdade dos teus olhos. Portanto, meu caro amigo, olha fixamente os meus.

### **EDVARDS**

Edwards tinha vontade de correr até a lua, fazer castelo de areia no fundo mar, falar idiomas extintos.

### **IPSOLÔNIA**

Assim. Olha e escuta. Preciso te pedir uma coisa. Pedir uma coisa que só pediria a ti, a quem confio e que em minha confia. Como um cão pastor. Pedirei assim, olhando em teus olhos, segurando tua mão, próxima de ti como um amante. Posso pedir o que eu quiser?

### **EDVARDS**

Edwards não conhecia o sexo, mas o amor, sim. Seu pinto, agora, latejava de pânico.

### **IPSOLÔNIA**

Tudo? Tudo, Edwards?

## **EDVARDS**

De longe, era de se supor que Edvard chorasse. Ou que tivesse um nó entalado na garganta.

## **IPSOLÔNIA**

Olhe bem pra mim, Edwards. Aperta minha mão como um carrasco. Um carrasco grande. Eu quero, Edwards, do fundo de meu coração, eu quero muito, eu quero, meu bom amigo, que tu mates a senhora Salvatória. Mates da pior maneira possível. Com bastante dor e lentamente. Mates com prazer. Por mim. Sem nenhuma frieza, antes pelo contrário: convulsivamente. Uma festa de morte e gozo. Mata aquela velha estúpida, farás um favor pra mim, mas também ao mundo. Tu matarias? Por mim?

*Durante a próxima fala de Edwards, troca-se a cena.*

## CENA 4. A DÚVIDA DE EDVARDS

### EDVARDS

Eis o que se podia chamar de sinuca de bico. Edvards, aquele pobre plebeu que, houvesse algum interesse escuso, poderiam até chamar de santo, agora deveria converter-se em assassino frio, embora, sabemos, há santos que também assassinaram. Edvards, que fora educado para servir, agora acabara de ser convidado a matar. Convidado é um eufemismo. Atrás das palavras castas de sua patroa havia uma ordem e a Edvards foram ensinadas as mais puras artes da vassalagem, como, novamente, um cão desses que saem correndo atrás do toco arremessado por alguém. Poderia ele recusar? Suportaria dizer não à sua patroa? Experimentasse, o pobre. Ele que já enfrentara castigos com fogo, privação de alimento e introdução de objetos incandescentes. Agora estava ali, estatelado, sem conseguir, como em outras vezes, disfarçar o terror: o que seria dele? É aqui, mais especificamente, que se inicia nosso drama, a história de um homem bom convidado a matar. Agora, será como se entrasse aquela trilha sonora típica dos filmes de suspense que, como um acorde incompleto, deixasse algo no ar. Uma pista das agruras que não-de-vir. Chegamos, como parece, ao fim de nosso prólogo. O personagem, a partir de agora, assumirá sua própria voz e eu, autor, estarei escondido sob o mais puro traço de meu estilo. Vez ou outra, posso travestir-me novamente de narrativa nas palavras de um ou outro personagem para conduzir os rumos dessa história. Deixarei o pobre Edvards, que, como já se viu, tem seus grandes e delicados problemas, conduzir a si próprio. Assim, duplicado, triplicado, multiplicado, para entendermos muito bem o quão perdido está. Até breve.

*Estão em cena Edvards e seus seis duplos. Quando 'Edvards' fala, todos falam.*

**EDVARDS UM**

Eu não sei o que fazer.

**EDVARDS DOIS**

Novidade!

**EDVARDS UM**

Não me venha com minha ironia, eu realmente não sei.

**EDVARDS TRÊS**

Acalmem-me. É preciso paciência. Isto não é algo que se resolve com facilidade.

**EDVARDS QUATRO**

Isto é um absurdo!

**EDVARDS CINCO**

É um escândalo, uma imposição patronal, quem ela pensa que é?

**EDVARDS DOIS**

Como assim, quem ela pensa que é?

**EDVARDS SEIS**

Que ódio!

**EDVARDS DOIS**

Quem eu penso que sou?

**EDVARDS TRÊS (ao Seis)**

Não me estresse. É preciso calma.

**EDVARDS UM**

Mas é possível calma num momento como esse?

**EDVARDS TRÊS**

Ela disse muito bem, em alto e bom tom, típico das patroas quando exigem um serviço bem feito. Ela disse:

**EDVARDS**

Edwards, mate Salvatória.

**EDVARDS UM**

Não terei entendido errado?

**EDVARDS QUATRO**

Sim, entendi errado, essa vida é um absurdo mesmo, ando cheio de afazeres domésticos, talvez seja urgente que eu procure um médico, estou confundindo as coisas, entendendo o que é virtual como real. E o contrário.

**EDVARDS UM**

Será?

**EDVARDS SEIS**

Que imbecilidade a minha! Onde estou com a cabeça, meu deus!

**EDVARDS CINCO**

Será importante que eu denuncie essa déspota ao sindicato.

**EDVARDS TRÊS**

Calma, respire fundo, não pense em nada...

**EDVARDS QUATRO**

Talvez eu esteja sonhando, como o camponês que se sonhou uma borboleta sonhando que era um camponês.

**EDVARDS CINCO**

Será necessário enquadrar essa senhora feudal nalgum código de ética.

**EDVARDS DOIS**

Código de ética?

**EDVARDS UM**

Como assim?

**EDVARDS DOIS**

Só existe ética para os pobres, meu querido.

**EDVARDS SEIS**

Tenho ódio desta distinção social, desta escala de importância. Esta senhora precisa ouvir umas poucas e boas, tomar uns tabefes, uns catiripapos.

**EDVARDS QUATRO**

Talvez ela não tenha dito nada, talvez nem seja ela, talvez seja uma atriz vestida de Ipsolônia.

**EDVARDS DOIS**

Ah! Hahahahaha... Foi a coisa mais engraçada que já ouvi na vida!

**EDVARDS SEIS**

Engraçado será minha mão fechada na fuça dessa velha.

**EDVARDS CINCO**

Qualquer violência física pode enquadrar-me nalgum parágrafo dalgum artigo dalguma lei qualquer. Será mais nobre abandoná-la à sorte da lei, deixar que suas garras a detenham, interrompam tanto sua alma assassina como seus desmandos patronais.

**EDVARDS UM**

Meu Deus, o que significa isso que estou pensando?

**EDVARDS TRÊS**

Para entender isso precisarei ficar em silêncio...

**EDVARDS SEIS**

Não posso!

**EDVARDS DOIS**

Novidade!

**EDVARDS QUATRO**

Há muitos mistérios entre o céu e a terra.

**EDVARDS UM**

Quais? Quantos? Por quê?

**EDVARDS TRÊS**

Acalme-me.

**EDVARDS SEIS**

Tenho raiva dessa dúvida!

**EDVARDS DOIS**

Raiva? Eu?

**EDVARDS CINCO**

Mas tudo depende de articulação, apreciar convenientemente a situação e enquadrar esta ditadora segundo as leis vigentes.

**EDVARDS UM**

Mas quais leis vigentes?

### **EDVARDS SEIS**

A lei do mais forte. No caso, eu. Eu fingi todo esse tempo ter sido forjado na mais nobre arte da vassalagem, mas sou um animal reprimido que quer fugir dessa jaula que é este uniforme preto e branco ridículo e atacar aquela que pensa que me domesticou.

### **EDVARDS TRÊS**

Não adiantará convulsão de desejos, pelo contrário. Tenho que ter discernimento para entender, como eu disse, convenientemente a questão, e tomar a decisão correta.

### **EDVARDS UM**

Se eu disser:

### **EDVARDS**

Perdão, senhor Ipsolônia, mas não posso fazer isto. Posso bater o tapete, limpar as latrinas, preparar o desjejum. Isto? Não...

### **EDVARDS CINCO**

Esta déspota pedirá minha cabeça, alegando justa causa, desobediência civil.

### **EDVARDS QUATRO**

Esta situação beira o ridículo.

### **EDVARDS UM**

Se eu disser:

### **EDVARDS**

Sim, senhora. Mato. Mato por ti, como a cozinheira mata gansos. Como o açougueiro, os porcos. Mato sim. Mais alguma coisa?

### **EDVARDS DOIS**

Então serei um bobo da corte, uma história real que será repetida entre os de baixa casta, depois virará um caso repetido por cantadores nas feiras populares, até que vire piada.

### **EDVARDS CINCO**

Serei um vendido ao sistema patronal.

### **EDVARDS TRÊS**

Só será possível entender meu dilema depois de examinado em minúcias meu drama.

### **EDVARDS QUATRO**

É preciso acreditar em mistérios, em segredos, naquilo que não tem explicação, nas perguntas sem resposta. Explicação e entendimento são coisas diferentes. Nem tudo é o que parece.

### **EDVARDS SEIS**

Não à resignação!

### **EDVARDS DOIS**

Não devo levar tudo a sério, essa vida é que é uma piada.

### **EDVARDS SEIS**

Não à banalização!

**EDVARDS CINCO** - Devo fazer tudo nos conformes legais, obedecendo a normas vigentes e regulações específicas, para fazer valer meus direitos.

### **EDVARDS SEIS**

Não à burocratização!

### **EDVARDS UM**

Não consigo compreender as coisas que eu mesmo discuto.

### **EDVARDS SEIS**

Não à ignorância!

### **EDVARDS TRÊS**

Devo fazer tudo sem pressa, como um cavaleiro Zen, buscando a sabedoria, mas sem esgar, pelo contrário, fazendo bem as coisas que são mínimas para chegar às que são grandes com plena consciência e discernimento.

### **EDVARDS SEIS**

Não à passividade! Vou estourar os miolos dessa piranha, dessa patroa escravagista, dar um basta em todos esses anos de obediência servil, cortar sua língua com a faca de carnes, depois cozinhar a língua e misturar na sopa, fazer provar do veneno que é propor-me tão absurdo pedido, deixar que todos esses anos de humilhação se convertam em ódio mais denso, mais tenso, firme, forte como pedra, estraçalhar sua segurança, matar Ipsolônia!

### **EDVARDS (*gritando a plenos pulmões*)**

Não!!!

*Pausa*

### **EDVARDS SEIS**

Não?

### **EDVARDS**

Não. Não tenho toda essa ira guardada em meus pulmões contra a senhora Ipsolônia. Pelo contrário. Tenho por ela respeito silencioso. Em seus chilikques mais sobressaltados eu tendia a concordar com ela, procurando em mim a culpa pelas falhas que ela apontava

em si. Se ela me acordava no meio da noite pedindo água, eu achava que levar-lhe água era meu privilégio sobre os outros empregados. E, até quando quase morta, eu lhe servia com uma alegria vital. Portanto, não há raiva em minha dúvida. Que a raiva morra em mim.

*Tempo. Todos os Edwards se entreolham. Edwards Seis sai, sem cerimônia.*

### **EDVARDS TRÊS**

Melhor assim. Terei tempo para elaborar uma resposta mais precisa.

### **EDVARDS QUATRO**

Não, definitivamente não ficarei esperando respostas. Não há resposta para nada. Há perguntas infinitas.

### **EDVARDS UM**

Isto é muito simples. Ela disse: mate por mim. Simples. Mas porque as coisas simples nunca são fáceis?

### **EDVARDS CINCO**

Ela disse: mate por mim. Isto, assim, já configura ação criminosa, incitação ao crime.

### **EDVARDS TRÊS**

É preciso refletir pacientemente. Estudar as alternativas viáveis. Todas. Uma a uma. Todas as duas. Não pode ser difícil.

### **EDVARDS DOIS**

Isto só pode ser piada. Agora mesmo ela deve estar rindo de mim com os outros empregados.

### **EDVARDS CINCO**

Atitude vexatória.

### **EDVARDS QUATRO**

Qualquer adjetivo agora é um preconceito. É tudo muito recente!

### **EDVARDS TRÊS**

E é por isso que eu acho que devo esperar. Fechar os olhos. Dormir.

*Edwards Três se senta em posição de meditação.*

### **EDVARDS UM**

Dormir... Talvez sonhar. Eis o pesadelo!

### **EDVARDS DOIS**

É isso: essa vida é uma peça de teatro, nós somos atores, o enredo é envelhecer. O fim é morrer. Dormir. Só isso.

### **EDVARDS UM**

Mato por ela? Ou mato a mim?

### **EDVARDS**

Morrer por ela? Matar a mim?

### **EDVARDS CINCO**

Isto não é justo. Eu sou um homem simples. A vida toda servi essa mulher. Aprendi coisas que muitos homens não sabem, ouvi galhofas de motoristas e jardineiros: "Faz coisas de mulher, é? Todas?" "Mãozinhas delicadas as suas, heim? Pega aqui, ó!" Tudo pela consciência de meu destino: servir a essa déspota. Mas agora tudo mudou. A lei me respaldará. Olhando as coisas sem raiva, tudo fica mais óbvio.

### **EDVARDS UM**

Óbvio, Edwards? Quem estou querendo enganar? É tudo obnubilado.

### **EDVARDS DOIS**

Obnubilado? Onde foi que aprendi isto?

### **EDVARDS CINCO**

Aprendi porque estudei. Todo o tempo que passei ao lado dela, quando estava semimorta, li textos clássicos que ela colecionava para parecer mais nobre. E lia, por quê? Para tornar-me melhor, para estar à altura dela, de sua compostura clássica, como os livros. Malditos, os clássicos!

### **EDVARDS DOIS**

Mais uma vez, eis que invento como um ator que improvisa. Que graça que tem isso?

### **EDVARDS QUATRO**

Não! Ao mesmo tempo invento e minto. Ao mesmo tempo temo e desejo, quero e não quero, mato por ela, mato por mim. A vida é um jogo. Um enigma. Eis a graça.

### **EDVARDS UM**

Não há graça na dúvida!

### **EDVARDS TRÊS**

Concordo comigo, a vida é um jogo, mas quem joga não somos nós, é o tempo. Alguns chamam de deus, outros, destino. Eu não, eu chamo de tempo. A vida é um jogo. Prepotência nossa achar que somos enxadristas: somos peões. Pretos e brancos. Uns contras os outros.

### **EDVARDS CINCO**

Eu contra ela. Quem vencerá?

### **EDVARDS UM E TRÊS**

Alguém vencerá?

### **EDVARDS QUATRO**

Eis o mistério!

### **EDVARDS DOIS**

Mistério porra nenhuma, não há nada escondido. Tudo é escancarado. Estou aqui conjecturando sobre um dilema pessoal e ali há pessoas pensando: que personagem patético. Que dilemazinho chinfrim! A vida é teatro! Porque na gente tudo é tão complexo? Porque no outro tudo parece mais simples? O palhaço é o outro! E eu?

### **EDVARDS QUATRO**

E eu?

### **EDVARDS CINCO**

E eu?

### **EDVARDS TRÊS**

E eu?

### **EDVARDS UM**

Eu o quê?

### **EDVARDS**

Eu não sou palhaço. Nem ela. Não há nenhuma graça nisso. É trágica a minha sina. Não vou rir de mim mesmo. Que eu tire esse sorriso cínico de minha cara. Isto não é um filme. É a vida. A minha vida. Que se encontra com a morte, a dança da morte, e quem a convida para a derradeira valsa, sou eu.

### **EDVARDS DOIS (*rindo*)**

Mas isso é muito engraçado...

## **EDVARDS**

Não é engraçado porra nenhuma! Que morra, em mim, o humor!

*Tempo breve. Edwards Dois sai de cena.*

## **EDVARDS CINCO**

A injustiça fica mais clara: um plano macabro que me inclui como cúmplice, mas sem querer que eu seja cúmplice, pelo contrário. Um plano que me quer como vilão mor, autor único de assassinato torpe.

## **EDVARDS TRÊS**

Já sei: vou ficar em silêncio, como se tivesse me tornado surdo-mudo de repente. Quando ela me dirigir a voz, vou fingir que não escuto. E até quando ela gesticular, vou fingir que não entendo. Que só fui feito para limpar e fritar. E só. Limpar e fritar.

## **EDVARDS QUATRO**

Já sei: isto é um enigma. Ipsolônia agora está esperando minha resposta, me pensando uma espécie de detetive que deve desvendar um segredo. Se eu digo, 'sim', ela diz: 'que decepção. Você busca o toco que lanço com uma alegria canina.' Ou então: 'amo sua dedicação. Aceita matar como quem limpa a latrina.' Se eu, 'não', ela 'prefiro a autonomia insolente dos profissionais à obediência cega dos subordinados. Eis um aumento. Ou, talvez (e mais provável): 'Fora daqui. Esses anos todos são iguais a nada. Demitido está.'

## **EDVARDS**

Não. Isto é simples. Matar ou não matar: eis a questão! Não complacerei a questão com argumentos dialéticos. Assim como não há contradição evidente, não há mistério algum. É como eu disse: a dificuldade aqui é o quanto essa merda é simples. Radicalmente simples. Que morra em mim a contradição.

*Tempo breve. Sai Edvards Quatro.*

**EDVARDS CINCO**

Pronto. Eis a certeza: sofro uma injustiça sem par.

**EDVARDS**

Injustiça, por quê?

**EDVARDS CINCO**

Porque sou um simples criado.

**EDVARDS**

A pessoa mais próxima da senhora Ipsolônia.

**EDVARDS CINCO**

Alguém que só conhece de perto a morte de porcos e frangos.

**EDVARDS**

Quem degola um frango, degola uma velha.

**EDVARDS CINCO**

Ela só pede esta indecência porque se esconde atrás dos desmandos patronais, sabendo que não será fácil um novo emprego e que o peso dos anos criou em mim um hábito vicioso, uma vez que já me acostumei a esta casa como se fosse meu lar, a estes móveis velhos, às paredes com mofo secular de meu quarto, e até ao cheiro forte que sai do ralo do banheiro social.

**EDVARDS**

Ela só pede esse favor a mim - e só o moralismo tradicional de nosso sistema social faz com que a ordem de matar alguém seja radicalmente diferente de afogar a couve - porque tem intimidade, e esta intimidade me enobrece.

**EDVARDS CINCO**

Afogar a couve não me prende.

**EDVARDS**

Já estou preso - a esta casa, a esta mulher, a esta sina.

**EDVARDS CINCO**

É por isto que ela me pede isto!

**EDVARDS**

É por isto que ela me pede isto. Porque sou o único. Ela me pede porque confia em mim. Isto é justo. Só pode ser. Deve ser. Chega dessa contradição. Que morra, em mim, a justiça.

*Tempo breve. Edvards Cinco sai de cena.*

**EDVARDS TRÊS**

Ganhei tempo para entender melhor este fato de que não sinto raiva, que não tem mistério nem injustiça e não tem graça nenhuma.

**EDVARDS UM**

Não consigo entender nada. Parece que estou perdido no tempo, um corpo solto no espaço sideral.

**EDVARDS TRÊS**

Que eu permaneça assim, pra sempre. Buraco negro surdo, mudo, cego.

**EDVARDS UM**

Já sei o que não faço. Mas o que eu faço?

**EDVARDS TRÊS**

Espero. Relaxo. Acalmo-me. Inspiro. Abstraio. Expiro.

**EDVARDS UM**

Essa dúvida me dá papuques!

**EDVARDS TRÊS**

Respiro. Deixo fluir os pensamentos.

**EDVARDS UM**

Será possível uma resposta?

**EDVARDS TRÊS**

Não é necessário!

**EDVARDS UM**

É. Eu digo que é!

**EDVARDS TRÊS**

Eu não tenho capacidade de agir.

**EDVARDS UM**

É isso. Pra entender isso eu precisava ser outra pessoa.

**EDVARDS**

É isso! Preciso ser outra pessoa, agir de outra forma, fazer algo que nunca fiz.

**EDVARDS UM**

Mas o quê?

**EDVARDS TRÊS**

Inspirar. Expirar. Inspirar...

**EDVARDS**

Beber. Beber muito. Perder a consciência. Agir. Agir. Que morra em mim a passividade autoindulgente.

*Edwards Três sai rapidamente. Durante a próxima fala Edwards e Edwards Um trocam de roupa, depois Edwards Um sai. Logo depois troca-se de cena.*

## **EDVARDS**

Fico com a dúvida, viro a dúvida. Para que me movimente, para que eu exija uma resposta. Hei de me satisfazer no álcool, eu, que só provei bebidas no pato com cerveja que tão bem preparo. E só. Agora, irei ao boteco mais imundo em busca de um portal em que entrarei e sairei outro. Renovado. Transformado no mais cruel assassino que poderia ser. Aguarde-me, Salvatória. Em breve conhecerás um novo eu, um que nunca foi visto, mais terrível e prático. Depois de beber, matar. Depois de matar, novas experiências serão inevitáveis. Onde irei parar quando for novo? Que desejos surgirão em mim? Estarei pronto? Ah! Que dúvida boa de ter. Duvidar e seguir: eis um novo prazer. Bebidas! Eu quero beber! Eu quero beber! Por favor!

## CENA 5. A TABERNA

*A taberna é um ambiente rústico e inóspito. Quem atende os clientes são as irmãs siamesas Creuza e Neuza, que tem dois troncos separados, mas que dividem o mesmo quadril e as mesmas pernas.*

**CREUZA**

Olha, Neuza: é um homem.

**NEUZA**

Eu vi, Creuza: um homem. E ele nos chama.

**CREUZA**

Há quanto tempos não vimos um.

**NEUZA**

Como assim? Acabamos de estar com dois.

**CREUZA**

Isso pra mim já é muito tempo.

**NEUZA**

Deixa que eu descanse nossas partes, Creuza. A de frente e a de trás. Estou esfolada.

**CREUZA**

Ainda não viu nada, Neuza. Hoje eu quero me revirar ao avesso. Partir no meio.

**NEUZA**

Não sabes o quanto me faria feliz. E, se nos partíssemos, a vagina ficaria contigo, que tanto a usas.

**CREUZA**

Assim como o cu. Tu não transarias, não mijarias, nem cagarias. Explodirias, Neuza.

**NEUZA**

Vira essa boca pra lá, que, graças a deus, temos duas.

**CREUZA**

Duas bocas e um homem que nos espera, Neuza.

**NEUZA**

Espera que o sirvamos, Creuza. Bebida, carne ou sopa.

**CREUZA**

E que ele nos sirva, Neuza. Nem precisará que tu uses a boca. Deixa que eu me vire com a minha. E me viro muito bem. Não é?

**NEUZA**

Não é. Tenho vergonha de dividir a vagina contigo.

**CREUZA**

É porque tu és recalcada. Nunca gozaste! Mas isso deve ser bom: gozo por nós duas.

**NEUZA**

Goze só por ti!

**CREUZA**

Opa! Acho que nosso cliente ouviu teus chilikues.

**NEUZA**

Disfarça, Creuza, que temos poucos clientes e pouco dinheiro. Não será bom perder nem um, nem outro.

**CREUZA**

Nem um, nem outro, Neuza.

**NEUZA**

Olá.

**EDVARDS**

Olá?

**CREUZA**

Oi.

**EDVARDS**

Como assim?

**CREUZA**

Come?

**NEUZA**

Como assim, como assim?

**EDVARDS**

Digo... São duas?

**NEUZA**

Duas.

**CREUZA**

Em uma.

*Pausa.*

**CREUZA**

Por que essa cara?

**EDVARDS**

Não.

**NEUZA**

Não o quê?

**EDVARDS**

Digo... Posso fazer um pedido?

**CREUZA**

Depende.

**EDVARDS**

Depende de quê?

**NEUZA**

Pode.

**CREUZA**

Pode?

**NEUZA**

Pode. Fazer um pedido. Só um pedido.

**EDVARDS**

Só um?

**CREUZA**

Um ou dois ou três.

**EDVARDS**

Como assim?

**NEUZA**

Temos bebidas, carnes e sopas.

**CREUZA**

Eu sugeriria carne.

**NEUZA**

Não.

**EDVARDS**

Há algo errado com tua carne?

**NEUZA**

Não.

**CREUZA**

Não, mesmo.

**NEUZA**

A carne é macia e boa.

**CREUZA**

A carne é boa e macia.

**EDVARDS**

Hoje não.

**CREUZA**

Como assim?

**EDVARDS**

Hoje não quero nada macio. Nem bom. Quero o amargo. O duro.

**CREUZA**

Eu também.

**EDVARDS**

Você também?

**NEUZA**

Temos bebidas amargas.

**EDVARDS**

Eu quero. (A Creuza) Tu também?

**NEUZA**

Não.

**CREUZA**

Não?

**NEUZA**

Não bebemos em serviço. Principalmente bebidas amargas.

**EDVARDS**

Eu sim. E o quanto antes.

*Pausa. Se entreolham. Elas se afastam. Conversam enquanto buscam a bebida.*

**CREUZA**

Gostei dele.

**NEUZA**

Chega. Hoje tu serás casta. E basta.

**CREUZA**

Não me aguento, tu sabes. Como este, nunca vi. Tem medo na cara. Uma doçura quase feminina. Não é como os habituais, com barba grossa e mãos. Esse não. Diria que descasca legumes. E dobra lençóis de seda, embora não durma neles. Mas tem olhos de quem se envergonha disso. E quer virar outro.

**NEUZA**

Não me fales em virar outro. Sê eu, um pouco pelo menos.

**CREUZA**

Não te aguento, tu sabes.

**NEUZA**

Pois eu, sim! Aguento-te como quem tem um tumor benigno. Aguento-te como quem tem uma dor crônica. Estupras meu pudor! Eu gritaria: sai de mim! Mas significaria sair de mim mesma, eu sei. Mas chegará uma hora que até isto procede, seu fim sendo o meu. Não testa meus limites, Creuza. Testaria os teus! Eu sou tu. Sê eu!

**CREUZA**

O cliente.

**NEUZA**

Como assim?

**CREUZA**

Está esperando.

**EDVARDS (*de longe*)**

Uma bebida amarga. A mais amarga possível. Obrigado!

**NEUZA**

Pois não. Um minuto.

**CREUZA** (*entre os dentes*)

Tenho pena de ti.

**NEUZA** (*idem*)

Eu também.

**CREUZA** (*idem*)

Tens pena de mim?

**NEUZA** (*idem*)

De mim.

*Chegam novamente à mesa.*

**EDVARDS**

Como se chama?

**CREUZA**

Creuza.

**EDVARDS**

Perdão...

**NEUZA**

Perdão?

**EDVARDS**

A bebida.

**NEUZA**

O que é que tem a bebida?

**EDVARDS**

Como se chama? A bebida?

*Creuza dá uma gargalhada. Pausa.*

**NEUZA**

Bebida mais amarga possível.

**CREUZA**

Da garçonete mais amarga possível.

**EDVARDS**

Bastante amarga.

**NEUZA**

Como assim?

**EDVARDS**

A bebida.

**CREUZA**

A bebida também.

**NEUZA**

E o senhor não vai querer comer nada?

**CREUZA**

Nem ninguém?

**EDVARDS**

Sim.

**CREUZA**

Sim?

**NEUZA**

O quê?

**CREUZA**

Quem?

**EDVARDS**

Carne. Mal passada. Dura.

**NEUZA**

Tem certeza?

*Pausa. Edwards bebe.*

**CREUZA**

Tem certeza?

*Pausa. Edwards bebe novamente.*

**EDVARDS**

Não.

**CREUZA**

Não tem certeza?

**EDVARDS**

Não quero mais.

**NEUZA**

Não quer mais o quê?

**EDVARDS**

Carne. Ora!

**NEUZA**

E o quê?

**EDVARDS**

Outra dessa. Amarga.

**CREUZA**

Não prefere algo mais adocicado?

**EDVARDS**

Não.

**NEUZA**

E nada de comida?

**CREUZA**

Uma comidinha apenas...

**EDVARDS**

Não.

*Pausa.*

**EDVARDS**

Obrigado.

*Elas se afastam.*

**CREUZA (*entre os dentes*)**

Ele já mostra novos ares. Esbanja uma sensualidade reprimida que quer eclodir. E eclodirá. Será a bebida amarga, Neuza?

**NEUZA (*idem*)**

Nada eclodirá a não ser minha fúria, caso não te contenhas, Creuza!

**CREUZA (*idem*)**

Relaxa. Não pensa que te desconsidero, Neuza. Deixa que teu rancor

te abandone. Abre as pernas com toda a paixão que tu usas quando oras.

**NEUZA (*idem*)**

Creuza, não compara minhas orações com tuas indecências!

**CREUZA (*idem*)**

Gozar é estar perto de deus, Neuza!

**NEUZA (*idem*)**

Cala-te. Que tu sejas vil comigo, basta. Com meu deus, não permito, Creuza.

**CREUZA (*idem*)**

Não te dividas assim, Neuza. Já somos por demais divididas.

**NEUZA (*idem*)**

Queria mais. Precisava. Urgia!

**CREUZA (*idem*)**

Não te divida de teu deus, Neuza. Teu deus és tu.

**NEUZA (*idem*)**

Meu deus é aquele cliente sentado ali querendo beber uma bebida amarga, Creuza.

**CREUZA (*Idem*)**

Sim, uma espécie de deus para ti e para mim, Neuza. Quanto te ajoelhares para entoar seus cânticos, aproveitarei para chupá-lo.

**NEUZA (*idem*)**

Impropérios! Heresias! Odeio-os em ti, Creuza.

**CREUZA (*idem*)**

Eu a ti, também, Neuza.

**NEUZA (*idem*)**

Eu sei, mas basta. Se para ter-te extirpada, precisarei abster-me de mim mesma, eu digo sim.

**EDVARDS**

Senhoras!

**NEUZA**

Sim?

**EDVARDS**

Tenho pressa.

**CREUZA (*entre os dentes*)**

Cada vez mais interessante.

**NEUZA**

Pois não. Aqui está.

**EDVARDS**

Obrigado.

*Pausa. Ele toma tudo num trago.*

**CREUZA**

Tens problemas, senhor?

**EDVARDS**

Tenho.

**CREUZA**

Podemos ajudá-lo?

**EDVARDS**

Podem.

**CREUZA**

Como?

**EDVARDS**

Mais uma. Bebida amarga.

**NEUZA**

Pois não.

*Neuza tenta sair, mas Creuza não quer.*

**NEUZA**

Pois não!

*Idem.*

**NEUZA**

Pois não, senhor. Já vamos buscar sua bebida amarga. E vamos agora.

**CREUZA**

Não vamos a lugar nenhum, senhor.

**EDVARDS**

Como assim?

**NEUZA**

Como assim?

**CREUZA**

Vamos dar-lhe algo muito mais quente que bebida amarga. E tu nos dará algo mais duro que carne mal passada, senhor.

**EDVARDS**

Eu não quero carne mal passada, senhoras.

**NEUZA**

Eu quero dar-lhe a bebida amarga que ele pediu, Creuza.

**EDVARDS**

Eu quero que as senhoras me tragam a bebida amarga que eu pedi.

**CREUZA**

Não, senhor.

**NEUZA**

Não, senhora.

**CREUZA**

Tira a roupa!

**EDVARDS**

Como assim?

**NEUZA**

Não.

**CREUZA**

Como assim, como assim?

**EDVARDS**

Eu quero uma bebida amarga.

**CREUZA**

Tira a roupa e eu te trago.

**NEUZA**

Não, não tira essa roupa. Trago-te a bebida amarga.

**CREUZA**

Não. Tira a roupa!

**EDVARDS**

Tiro?

**NEUZA**

Põe.

**CREUZA**

Tira!

**NEUZA**

Para!

**EDVARDS**

Quero a bebida amarga!

**CREUZA**

Então tira a roupa.

**NEUZA**

Não.

**EDVARDS**

Não?

**CREUZA**

Sim. Toda.

**NEUZA**

Para.

**EDVARDS**

Não.

**CREUZA**

Sim!

**NEUZA**

Para!

**CREUZA**

Não!

**NEUZA**

Vista essa roupa agora!

**EDVARDS**

Sim!

**CREUZA**

Não!

**NEUZA**

Sim!

**CREUZA**

Quer a bebida amarga?

**EDVARDS**

Sim!

**CREUZA**

Toda bebida amarga da casa?

**NEUZA**

Nunca!

**EDVARDS**

Quero!

**CREUZA**

Tira a roupa!

**NEUZA** (*segurando Creuza pelo braço*)

Venha buscar a bebida amarga, Creuza!

**CREUZA**

Larga-me, Neuza!

**NEUZA**

Não largo!

**CREUZA**

Olha pra lá! Começa suas orações de pudor e vergonha. Deixa-me viver, Neuza!

**NEUZA**

Eu deixo, há anos eu deixo e só tu vives!

**CREUZA**

Vive comigo, Neuza!

**NEUZA**

Vivo, vivo e morro, Creuza!

**CREUZA**

Solta-me!

**NEUZA**

Vem, Creuza!

*Pausa. As duas olham pra Edwards que está completamente nu.*

**EDVARDS**

Uma bebida amarga, por favor.

**AMBAS**

Uau.

**CREUZA**

Tira essa roupa.

**EDVARDS**

Mas já tirei.

**CREUZA**

Neuza. Tira essa roupa, Neuza. É chegada a hora do amor. Vamos ensinar o amor a esse homem que tem pressa. Esse é o nosso destino, minha irmã. Se você pensa que viemos juntas para servir, eu digo que tu estás enganada. Viemos juntas para ensinar. Ensinar e aprender ao mesmo tempo. Tira a roupa, Neuza. Eu preciso ensinar e você precisa aprender o amor.

*Neuza agarra Creuza pelo pescoço.*

**NEUZA**

Pois eu amo, Creuza. Com toda a força de meu desejo. Amo a ti. Sempre amei. Tu és meu lado mais lindo. Tu és meu único lado lindo. Mas reconhecer-te linda é reconhecer-me triste. E sabe o quê? Eu amo a minha tristeza também. Amo ser triste. E deveria ser assim, exatamente para que tu amasses ser feliz.

**CREUZA**

Sufocas-me.

**NEUZA**

Amo minhas orações silenciosas, meu silêncio é meu orgasmo múltiplo. Se tu pedes para que eu me entregue à orgia, me entrego de olhos cerrados. Se te peço para compartilhar meus silêncios, tu ris. Agora basta!

**CREUZA**

Solta-me. Não consigo respirar, Neuza!

**NEUZA**

Que meu silêncio te tome por completo. Morrer é se calar. É meu único desejo: um desejo eterno. Solta-te em meus braços. Para de resistir. Sê triste uma derradeira vez, Creuza. Para que eu seja feliz. Uma derradeira vez. Que eu goze assim. Imensamente triste, imensamente feliz, Creuza. Triste destino esse nosso: ser e não ser. Ser e não ser! Ser e não ser!

*Creuza desfalece. Pausa. Lentamente Neuza desfalece na sequência, murmurando, entre os dentes, ser e não ser. Tempo. Edvards permanece nu, estatelado. Durante o texto de Creuza, troca-se a cena.*

**CREUZA (enquanto é retirada de cena)**

E foi assim que Edvards aprendeu o ódio, entre as irmãs que, sendo uma em duas, só poderiam ver-se livres da outra abrindo mão de si

mesmas. Estatelado ele permaneceu por algumas horas, nu ante o cadáver duplicado, tentando entender a gama de pensamentos novos que o alastrava e a cena bizarra que tinha acabado de viver, 'como num teatro de horrores', ele pensava. Até que a realidade lhe caiu num rompante como quem dissesse: 'acorda, Edvards. Veste sua roupa. Sai daí'. Vestiu a roupa rapidamente e sentindo um pouco de vergonha, mas um tanto de orgulho, como um menino que aprende a andar sobre rodas, ele parou um minuto, refletiu mais um pouco, juntou aquilo que viu e inventou e disse:

### **EDVARDS**

Eis como se entrelaçam amor e ódio, como um casal que dança tango e, num determinado momento, você não sabe se lutam ou se copulam. Curioso. Então, é isso: Só posso matar aquilo que odeio. E só posso odiar aquilo que eu tenha, um mínimo possível, amado. Aprendi, senhora Ipsolônia: para matar Salvatória, precisarei amar Salvatória. Que seja. Mas como?

## CENA 6. TRÊS FORMAS DE MORTE

*Um quarto de hospital com uma mulher moribunda sob lençóis, o rosto coberto por um tecido fino. Há um enorme monitor de tv, um rádio valvulado, uma tela de computador em que o texto é escrito e um monitor de monitoramento cardíaco. Os quatro aparelhos são ligados de uma só vez. Enorme algazarra. Todos descrevem cenas de assassinatos torpes. Edvards sofre, tapa os ouvidos, grita:*

### **EDVARDS**

Um pouco de objetividade, por favor!!!

*Pausa em três aparelhos, apenas o de monitoramento cardíaco permanece ligado, em movimento lento e gradual.*

### **EDVARDS**

Cena número 01: um corte profundo que parta do peito e saia no queixo.

*Ele liga o rádio.*

### **RÁDIO**

Muito bom dia, vida! Qual o limite da maldade humana? Ela era uma senhora comum. Nas noites de natal, pendurava meias listradas no quarto dos netos e repetia “um ano cheio de graça” para cada uma das crianças e depois um beijo na testa e um pouco de chamego triste, como se soubesse que a morte lhes estava próxima e cada gesto ganhava uma importância terminal. Isso há dezessete anos. Ela envelheceu muito. E como tudo o que fazia era esperar uma morte que nunca chegava, dedicava-se a um desperdício prodigioso e covarde, ode à passividade, como dessas vovós que tecem cache-cóis enormes. Já tinha os músculos flácidos, sofria de males irreversíveis, a demência acometia a todos os seus, que só não lhe internaram num asilo devido a uma religiosidade hipócrita, traço comum

em nossas famílias burguesas. Decidiu parar por completo com os remédios, mas, ao contrário do que se poderia pensar, sua saúde até melhorou. Pensou em formas fáceis de morrer até concluir que fácil não haveria nenhuma. Sofreu calada mais doze anos, cada vez mais decrepita e triste. As pessoas já lhe diminuía os adjetivos, já a chamavam de vovozinha, belezinha, queridinha, coitadinha, pequenininha e ela odiava cada um dos seus, até os filhos. Com o tempo já não conseguia pronunciar direito as palavras e começou a perceber que as pessoas fingiam que a havia entendido, dando respostas genéricas para quase todas as suas perguntas. Viu morrerem dois filhos, um neto, suas quatro irmãs, tias, amigas, animais de estimação, diversos. Já não chorava. Pedia a morte em silêncio. Até que um dia – era manhã – ao afirmar para uma amiga muito íntima que tivera a mesma experiência de quase morte que ela, ela, a outra, foi tomada de um rancor infinito, anormal e, como fosse também velha e fraca, procurou, entre os seus, quem pudesse ter força e coragem para matar sua algoz. E encontrou um criado disposto a fazê-lo como quem cumpre tarefa culinária comum. Para tanto, portanto, a faca mais bruta de sua coleção, navalha finíssima e cabo de madeira de lei. Ela disse: mata! E ele: mato. Foi até aquela primeira e, ao empunhar virilmente o utensílio assassino, a senhora pediu: mata. Ele disse, mato. Mas ao focar-se em seus olhos apavorados, ele desejou-lhe instantaneamente, percebeu que aquilo era bom e então, quase feliz, abriu-lhe o peito envelhecido em um único golpe sisudo, voraz, que lhe foi rasgando o peito até o queixo, por onde a faca saiu imperiosa e impertinente, quase bela...

## **EDVARDS**

Chega! Não há beleza nesta aberração!

## **RÁDIO**

A beleza é uma quimera.

**EDVARDS**

Eu não estou preparado para a beleza.

**RÁDIO**

Não precisa estar preparado. Basta não resistir.

**EDVARDS**

Eu resisto porque este criado cheio de coragem e força não sou eu. Ainda. E ela não é esta vovó caridosa, nem essa velha esquelética. Essa versão está crivada de veleidades. A mulher que deseja a faca. O homem que se apaixona por uma mulher que deseja a própria morte. A vida não é assim.

**RÁDIO**

De que vida você fala, Edwards?

**EDVARDS**

Da minha.

**RADIO**

Deixa que a narre novamente, desde o seu nascimento. Encontraremos novos pontos de conflito. Você será personagem, Edwards!

**EDVARDS**

Eu não sou personagem, quase ninguém é.

**RÁDIO**

Era uma vez um menino estranho que tinha um avô e um boneco de pano...

**EDVARDS**

Chega! Não quero me expor assim!

*Desliga o rádio.*

## **EDVARDS**

Cena 2: o corpo caiu como se fosse feito de papel, mas quando chegou ao chão, virou vidro.

*Liga o monitor de computador. O texto é digitado sem som, ou talvez Edvards o leia em voz alta.*

## **COMPUTADOR**

Imagens sem muita definição. Chove? Os cortes vão ganhando contorno. Podemos definir uma tarde de verão e há gente que até dispensa o guarda-chuva. Crianças. A câmera sobe. Já se distingue, no céu, alguns espaços azuis. Corte. Estamos agora num imenso salão em que diversos homens e mulheres almoçam. O pé direito é altíssimo. Do alto a câmera capta a horda de garçons que se esgueira entre as mesas fartas. Formigas? Neste momento as pessoas já perderam a compostura. Cortes secos para gente que se comporta como bicho. Pessoas dançando com euforia. É um casamento. No centro, uma mesa com apenas uma pessoa, uma mulher. A câmera se aproxima de seu rosto. Está excessivamente maquiada e a lágrima que lhe escapa dos olhos constrói pequenos caminhos em suas bochechas claras. Toca algo triste, imensamente triste. Ela se levanta. Atravessa mesas e garçons. Corte do alto novamente. Formiga? Ou libélula? É que os tecidos caríssimos do vestido começam a se comportar como asas, porque ela chega a correr. Ou a dançar, dependendo do ponto de vista. A luz aumenta sua intensidade. As pessoas se incomodam com ela, algumas acham graça. Ela, indiferente a tudo e a todos, sobe numa das mesas e começa a se despir, lentamente, um efeito de câmera lenta para amplificar a leveza descrita no título. O fato é que, de outra mesa, uma senhora, provavelmente a mãe do noivo, observa a atitude incomum e chama imediatamente um garçom, um garçom comum, vestido de preto e branco e o diz: empurra. Ele: empurro. Cumprindo uma ordem ignóbil, ele se dirige à mulher que dançava sobre a mesa com determinação, mas também com evidente estupidez. Desajeitado, antes

que atinja a mulher, tropeça na própria certeza e cai, com os braços em riste, sobre a mulher que dançava, aplicando tanta força que ela primeiro subiu, voou? Depois o corpo caiu como se fosse feito de papel, e novamente um efeito em câmera lenta dá mais dramaticidade ao ato, pode-se entrever o pavor da mulher, as pessoas viram o rosto mesmo nas mesas mais distantes, há uma convulsão de foco nas cenas, mas a mulher, quando finalmente chega ao chão, vira vidro.

### **EDVARDS**

Mentira! Minha sina não será um acaso. Não poderá ser!

### **COMPUTADOR**

Se articular corretamente a narrativa, será.

### **EDVARDS**

Não quero enganar ninguém.

### **COMPUTADOR**

A verdade é uma quimera.

### **EDVARDS**

Fundamental pra mim.

### **COMPUTADOR**

Entenda Edwards: você não é dono da própria narrativa. Posso contar sua história aqui hoje e se conta-la novamente amanhã, serão duas histórias diferentes. Porque amanhã não serei o mesmo. Nem você. A mudança é um padrão. Um algoritmo. Está tudo calculado. O tempo é uma variável.

### **EDVARDS**

Não. Esta versão é polida demais. A vida é um choque de sentidos e desejos. Detesto romances burgueses! Minha vida não será um!!!

## **COMPUTADOR**

Não me confunda, Edwards. Não sou afeito à literatura. Sou mais afeito à matemática.

## **EDVARDS**

Então soma: quanto dá um homem que sofre o fato de que precisa ser o que não sabe, mais um homem que teme e odeia, multiplicado pela angústia de um homem que quer ser além de si?

## **COMPUTADOR**

Erro.

## **EDVARDS**

Ah! Cheguei ao seu limite!

## **COMPUTADOR**

É como dividir zero por zero.

## **EDVARDS**

Metáfora infeliz: não me considere assim tão reles, ó máquina! Sabe por quê? Porque te sou superior. Por quê? Porque eu te desligo!

*Desliga o computador.*

## **EDVARDS**

Cena 3: Uma cabeça sobre a mesa do jantar e a mágica de meu avô.

*Liga a tela da televisão. Uma narrativa só de imagens. Nuvens. Árvores. Flores. Uma parede. Tempo. Um bicho qualquer. Outro. Outro. Uma porta. A câmera se aproxima lentamente. Imagens de alguém que grita sem som. Imagens de pessoas histéricas em preto e branco. Chaplin. Marilyn Monroe. Madona. Volta pra imagem da porta. Tempo. Imagens de uma cidade grande. Carros. Gente. Velocidade expandida. Metrô. Imagens do alto. Volta pra porta. Tempo. Um*

*mordomo de mais de dois metros de altura abre a porta. Não se en-xerga sua cabeça. Ele convida a câmara a entrar. A câmara entra. É uma mansão enorme. Móveis antigos. A câmara vai, em plano sequên-cia, examinando detalhes. Corte para um relógio de parede. Corte para uma escultura africana. Corte para o mordomo que está parado em frente à câmara, com uma bandeja coberta. Tempo. O mordomo abre a bandeja. É a cabeça de Salvatória, de olhos abertos. Corte para uma mesa cheia de gente que fala muito. Numa das pontas da mesa está a câmara, em subjetiva. A imagem vai se aproximando da cabeça de Salvatória, no centro da mesa. Passa pela cabeça, revela que na outra extremidade está Ipsolônia, olhando fixamente para a câmara. Assim que se aproxima muito dela, ela fala e é a única palavra audí-vel: Mata. Agora se vê que Edvards era a câmara. Ele tem duas facas enormes nas mãos. Sobe na mesa, deixando cair pratos, copos, garra-fas, talheres sobre os convidados que reclamam. A cabeça de Salva-tória se desespera. Grita compulsivamente. Ele se aproxima como um gato. Esta agachado. Para em frente à cabeça. Levanta as facas gri-tando.*

## **EDVARDS**

Corta!!!

*Na tv aparece uma imagem sem sintonia. Chiado.*

## **EDVARDS**

O clima era apropriado. Sinto medo até de mim.

*Na tv aparece uma criança estranha. É Edvards, que segura um bo-neco velho.*

## **EDVARDS**

Hei! É o Senhor Cassirius. Ganhei de meu avô, ele mesmo o costu-rou. Por algum motivo aquele boneco era eu quando crescesse. Nunca deixei que o lavassem.

*Corte para a imagem do avô.*

**EDVARDS**

Meu avô tinha servido na grande guerra. Não tinha uma das mãos. Pra gente ele falava que tinha feito uma mágica quando era mais jovem, a mão sumiu e nunca mais apareceu.

*Corte para o avô mais novo fazendo uma mágica.*

**EDVARDS**

Em sua alegria juvenil, meu avô me ensinava que a felicidade era uma quimera. Que era preciso muito pouco. Se ele tivesse as duas mãos seria mais feliz?

*Corte para a imagem da mulher moribunda que está em cena, sobre a mesa, o rosto coberto, como se a câmera estivesse ali, ao vivo, sobre ela. Edvards fixa-se sobre suas próprias mãos. Ele também é projetado na imagem.*

**EDVARDS DA IMAGEM**

Duas mãos de meu avô e o sentimento o mundo.

**EDVARDS (para o da imagem)**

Vai você, primeiro.

**EDVARDS DA IMAGEM**

Impossível. Entre nós, não existe o tempo.

**EDVARDS**

Como dialogamos, então, Edvards?

**EDVARDS DA IMAGEM**

A linguagem é uma piada pronta sobre a lógica, meu querido. Reinventa-a. Reelabora-a. E a nega constantemente.

**EDVARDS**

Eu não tenho estômago para a linguagem.

**EDVARDS DA IMAGEM**

Ainda.

**EDVARDS**

Isto é uma previsão?

**EDVARDS DA IMAGEM**

É um desejo. Perverso e simples.

**EDVARDS**

Tem razão. Não imaginei que fosse assim tão simples. Uma mulher deitada num quarto de hospital com o rosto coberto. Semi-morta.

**EDVARDS DA IMAGEM**

Você tem o hábito de complicar sua sina em pensamentos.

**EDVARDS**

Quem não tem?

**EDVARDS DA IMAGEM**

Quer levantar o tecido de seu rosto?

**EDVARDS**

Não agora. Depois.

**EDVARDS DA IMAGEM**

Depois do quê?

**EDVARDS**

Do tempo.

**EDVARDS DA IMAGEM**

Como assim?

**EDVARDS**

Depois do tempo dela. O último suspiro de dor e saudade. Qual será sua memória derradeira? Uma memória nova? Inventada? Não, não quero olhar em seus olhos neste momento. Que ela guarde só pra si tal segredo íntimo.

**EDVARDS DA IMAGEM**

Você está preparado, Edvards.

**EDVARDS**

E você?

**EDVARDS DA IMAGEM**

Um.

**EDVARDS**

Dois.

**EDVARDS DA IMAGEM e EDVARDS**

Três!

*Com raiva esgana a mulher que está deitada. A câmera o filma do alto. Ela se debate. No monitoramento cardíaco, o cardiograma para de bater. Som contínuo. Ele se ajoelha sobre a cama, como se não acreditasse no que acabou de fazer. Entra o coro dos encomendadores de alma e limpa a cena, deixando apenas a mulher sobre a cama, e Edvards. Morte entra escondida no meio do coro.*

## CENA 7. A MORTE

### **CORO DOS ENCOMENDADORES DE ALMA**

Ela chega, não pede licença  
Constrói sua casa no corpo de alguém  
Quando abre seus braços imensos  
Transforma a memória em completo desdém

No corpo que já não existe  
A história persiste num canto de horror  
Ela é a ternura que falta,  
A gastura que sobra, o mofo e o bolor

Como fosse um espelho convexo  
Faz da imagem do ser um não ser  
Ela é a ruína da carne, a ausência da carne,  
Quão triste é morrer...

Para ela não há história  
Para ela não há futuro  
para ela não há desejo  
para ela não há saudade

*O coro sai. Sobre Morte, ao centro.*

### **MORTE**

Bela, como uma noite de lua, mas triste, como quando seca uma gota de orvalho. Um rio em que a luz das estrelas se reflete. O uivo de um lobo, como brincar de olhos fechados. Não será possível que me encarem, sabe por quê? Porque quando descobrirem que sou bela todos me desejarão e não haverá mais vida. E é da vida, meu caro, de que até eu dependo. Quanto à você, (toca a mulher sobre a cama) eis a hora em que descansarás sob o peso dos anos. O momento derradeiro em que não haverá história nem tempo. De fato,

não fará muita diferença a você o lugar a que irá. Mas, à sua memória, à forma como os que vivem se lembrarão de você, sim, fará toda diferença. Mas, esteja feliz. Do lugar em que sua memória repousará, se recordarão de você com uma tristeza jocosa, seu nome não será pronunciado em vão. Levante-se! Vá. Apenas ande. Você saberá a direção.

*A mulher se levanta e anda. O tecido sai de seu rosto.*

**EDVARDS**

Mas não é Salvatória!

**MORTE**

Quem?

**EDVARDS**

Salvatória, a quem devo matar e achei que já o tivesse.

**MORTE**

Foste convidado a matar?

**EDVARDS**

Antes uma ordem do que um convite.

**MORTE**

Não tiveste escolha?

**EDVARDS**

Pouca. Subtendida sob uma ordem explícita.

**MORTE**

E se eu te dissesse que isso aqui é não é vida?

**EDVARDS**

Eu escolheria ser.

**MORTE**

Por quê?

**EDVARDS**

Porque preferia viver isto aqui e não viver aquilo lá.

**MORTE**

Uma coisa é a outra.

**EDVARDS**

E se eu acordar definitivamente?

**MORTE**

E se tu dormires definitivamente?

**EDVARDS**

Eu tenho escolha?

**MORTE**

Não. Achastes que esta mulher era aquela que deveria ser morta por ti porque houve outro alguém que deveria matar esta outra mulher. Houve. E haverá. Não existe coincidência num mundo em que tudo se movimenta em círculos. Tu és um reflexo de ti que é outro reflexo de si. Só o tempo segue em linha reta, mas não houve começo nem haverá fim e não existe direção.

**EDVARDS**

Então porque para uns os lençóis de seda, para outros o açoite da dor?

**MORTE**

Não te confundas: morte e destino são coisas completamente diferentes.

**EDVARDS**

Falas de ti como fosses outra?

**MORTE**

Confundes minha função com minha personalidade.

**EDVARDS**

Tua função é teu nome!

**MORTE**

E teu nome?

**EDVARDS**

Tu não o sabes?

**MORTE**

Agora confundes morte com sabedoria.

**EDVARDS**

Sim. E morte com verdade. E também morte com silêncio. E morte com medo. E morte com dor. E confundo morte com tristeza. E com saudade. E com desígnios divinos e com a própria noção da divindade. E paz. E desespero e lamúria, desgraça, piedade eterna, culpa, rancor, serenidade, escuridão...

**MORTE**

Vês? Complicas o que é simples.

**EDVARDS**

Simples?

**MORTE**

Desesperadamente simples. Exageras minhas qualidades porque é próprio do homem exacerbar para compreender.

**EDVARDS**

Precisarei ainda dilatar meus sentidos para compreender o que não compreendo?

**MORTE**

Ou dilatar ou acalmar.

**EDVARDS**

Como saberei?

**MORTE**

Viste aquela mulher recém-morta caminhando em direção ao ermo? Viste a calma? Eu apenas disse: vai. E ela foi. Simples. Tu terias coragem para a simplicidade?

**EDVARDS**

Aquela mulher teve escolha?

**MORTE**

Nem ela, nem tu.

**EDVARDS**

Qual a diferença dela e de mim?

**MORTE**

Ela está morta.

**EDVARDS**

Mas, não foste tu que acabastes de dizer que esta vida é um ciclo?

**MORTE**

Estás começando a compreender a simplicidade...

**EDVARDS**

Não. Não estou!

**MORTE**

Abandona-te.

**EDVARDS**

Como abandonar o que não possuo?

**MORTE**

Tudo o que precisas está em ti.

**EDVARDS**

Agora és tu quem confundes a ti com a sabedoria.

**MORTE**

Sou velha. Aos velhos se permite frases de efeito. Mas são só frases de efeito. A verdadeira sabedoria é íntima.

**EDVARDS**

Já sei do que preciso?

**MORTE**

Mas ainda não me disseste teu nome.

**EDVARDS**

Eu sou Edwards.

**MORTE**

Edwards?

**EDVARDS**

Edwards. Um homem simples, que viveu até hoje de modo simples. Singelo, quase. E que agora tem um encontro que nunca esperou ter. Nem quis. Achou que viveria os anos e os terminaria da forma como começou, imerso na simplicidade digna dos pobres.

**MORTE**

Edwards!

**EDVARDS**

Edwards. Que nunca esperou ser confrontado com tão portentosa presença, se é que minhas parcas faculdades mentais andam calibradas e entendo ser tu, senhora, quem és, verdadeiramente. Isto me enobrece, mas também, ao contrário do que possa parecer, me tranquiliza, dá força à minha vontade mais vil.

**MORTE**

Edwards!!!

**EDVARDS**

Edwards! Sim! Que procurou uma resposta. E encontrou.

**MORTE**

Edwards!!!

**EDVARDS**

Edwards!!!

**MORTE**

Edwards!!!

**EDVARDS**

Edwards!!! Edwards!!!

*Todos os atores gritam repetidamente 'Edwards', enquanto se troca a cena. Entra Ipsolônia.*

**IPSOLÔNIA**

Edwards!!!

*Edwards acorda.*

## CENA 8. O PACTO

*Novamente na casa de Ipsolônia.*

### **IPSOLÔNIA**

Edwards! Está louco?

### **EDVARDS**

Não era singelo aquele susto. Edwards acabara de sonhar com a morte.

### **IPSOLÔNIA**

Vim saber se aceitará meu pedido.

### **EDVARDS**

Perdão. Sei que há pouco disse que me ocultaria com mais frequência, mas não me contenho. Sou um autor prolixo.

### **IPSOLÔNIA**

Acredite, meu amigo - acho que posso tratá-lo assim - eu entendo não ser fácil o meu pedido, mas, como é verdadeiro e urgente e cunhado na mais sutil dignidade de uma mulher que sofre, o repito: sim ou não?

### **EDVARDS**

Contudo, para não parecer que me aproprio mais de determinados personagens em detrimento de outros, transito agora.

### **IPSOLÔNIA**

Ali, naquele momento, refletindo como um mago após um truque perfeito, Edwards decidira: sonhar com a morte seria seu verdadeiro portal, a prova definitiva que ele estava preparado para a simplicidade.

**EDVARDS**

Pois bem, Senhora Ipsolônia, prezo mais meu dever que meu desejo, embora deva confessar que, depois de tantos anos, já não sei mais distinguir facilmente um do outro.

**IPSOLÔNIA**

Olhando, ali, para sua patroa, Edwards tinha pensamentos dispersos: já não era o mesmo homem do começo dessa história. Agora, ele seria capaz de tudo, inclusive de matar?

**EDVARDS**

Sim!

**IPSOLÔNIA**

Edwards espumava ímpeto.

**EDVARDS**

Sim!

**IPSOLÔNIA**

Ou era outro, ou ele mesmo sem nenhuma afetação.

**EDVARDS**

Sim! Eu vou matar a senhora Salvatória.

**IPSOLÔNIA**

Mas você me enche de orgulho, Edwards. Esse não será simplesmente um gesto de amizade, nem de obediência, será um ato de coragem.

**EDVARDS**

E, imbuído de uma certeza que nunca tivera, nem mesmo sob os perus ao molho de abóbora, outra de suas especialidades culinárias, Edwards explicou seu minucioso plano à Ipsolônia, sabendo

que, embora fosse um pedido dela, o destino a ser desafiado era o seu: matar Salvatória. Não havia nada mais simples. Matar Salvatória. Uma tarefa como limpar os tapetes da sala. Matar Salvatória. E ele? Matar Salvatória significaria renascer? Ou morrer? Com ela? Uma vez que, como ele mesmo supôs (e acreditou piamente), seria necessário amar e depois matar, haveria saída para essa aventura que não a ruína? Então, porque Edvards não desistia do plano e dizia para sua patroa: “Não! Fui criado para carnes animais, cortá-las, salgá-las, servi-las e não para carnes humanas, cortá-las, furá-las, exterminá-las”. Porque não dizia para a patroa: “sirvo-te até certo ponto e tal ponto certo é este, a morte?” Porque, senhoras e senhores, a burrice é a mais constante sina dos heróis. A cegueira de Édipo. A vingança de Hamlet. A morte de Salvatória. Nosso herói estava pronto (estes pensamentos últimos são meus, não dele. Os dele resumiam-se numa ideia fixa e simples: Matar Salvatória).

*Durante a próxima troca-se o cenário.*

## **IPSOLÔNIA**

Ótimo, Edvards. Mais que ótimo: excelente! Perfeito. Meticuloso e bom. Curioso, olho fundo nos seus olhos fundos e vejo que é você, mas outro. Somente este outro poderia ter tido um plano tão coerente e vil. Aquele serviçal obediente, não. Este homem superior, sim. Mas escuta, ajudo-lhe, como hora me pediu, mas caso descubram o que motivou o crime afirma que foi um desejo seu, única e completamente seu. Dirá que matou num momento de devaneio, que ela usou de tirania tal, humilhando-o, reduzindo-o a importância, tratando-o como um capacho e que não lhe restou outra opção que não esculachá-la. Que a este esculacho ela respondeu com violência tal, apontando-lhe qualquer objeto pontudo, que você não teve outra saída que não matá-la. Matar para viver, não há argumento melhor. Agora, amigo, escuta: serei capaz de acusa-lo para preservar minha honra, eu, herdeira de honra secular, embora, quero que saiba, admiro-o, como um varão de berço. Vai, meu herói,

cumprir sua sina, que será a minha, em segredo mortal. Vá, Edwards, mate Salvatória.

## CENA 9. AS CARTAS DE AMOR

*Montam-se dois ambientes. Em um está Salvatória, sentada, em sua sala de estar. No outro, está Ipsolônia escrevendo em frente à Edwards, que observa. Por fim, entra Semenda.*

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Com licença, senhora. Já concluíste?

**SALVATÓRIA (surpreendendo-se com Semenda, que está de pé em sua frente)**

Ai, meu deus!

**IPSOLÔNIA (a Edwards)**

Acalme-se, homem.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Desgraça!

**IPSOLÔNIA (a Edwards)**

Preciso de tempo.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Tanta criada no mundo...

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Perdão.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

... e a única muda...

**IPSOLÔNIA (a Edwards)**

E também de silêncio...

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

...tinha de ser a minha?

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Concentração...

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Isso me enlouquece!

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

E inteligência.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Que foi?

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Que tenhas os três: Silêncio, concentração e inteligência.

*Ipsolônia escreve.*

**SEMENDA (a Salvatória)**

O que foi? O que foi? Acontece que lhe odeio mais que tudo neste mundo e só lhe sirvo porque a vingança é um prato que se come frio.

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Ainda não tenho certeza que esta é a melhor estratégia.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Meu Deus, além de muda ficou surda?

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Sim.

**SEMENDA (a Salvatória)**

Ou surda ou muda, melhor que escrota!

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Como o sabes?

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

O que você veio fazer aqui, criatura?

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Foi uma revelação, senhora, já o disse.

**SEMENDA (a Salvatória)**

Ficar olhando sua cara triste para que a reconheça quando estiver morta.

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Se você o diz, assim o é.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Comeu alguma coisa estragada, estrupício?

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Agora, será assim: eu escrevo e você se cala.

**SEMENDA (a Salvatória)**

O que me estraga é o ódio que sinto por você, desgraçada.

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Porque não produzo sobre pressão.

**SEMENDA (a Salvatória)**

O que você fez com meus pais floresceu em mim, vagabunda.

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Isso... preciso de calma...

**SEMENDA (a Salvatória)**

Floresceu como o bolor que também é flor.

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Silêncio...

**SEMENDA (a Salvatória)**

Como a flor que nasce da merda!

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

E paz.

**SEMENDA (a Salvatória)**

Eis o que acontecerá quando eu concluir minha sina mais íntima, meu desejo mais denso, minha vocação: merda nenhuma. Falhei de uma primeira vez, você resistiu à dose do veneno, porque é forte em sua mesquinhez, como um porco que se fortalece porque, comendo restos, come muito. Preciso aguardar mais, para não levantar suspeitas, mas a qualquer momento você tomará a dose perfeita para libertar-me, enfim, desta raiva mordaz que me toma a língua e paralisa minhas palavras da boca pra fora, mas, pra dentro, sou toda rancor, inteligência e fúria, e chegado o seu dia e, consequentemente, o meu, irei cantar minha liberdade e sua ruína, irei orar em línguas aos quatros cantos e, assustados, os que me conhecem dirão pra si mesmos: ela fala? Mas será mais do que isto: minha voz abalará as estruturas físicas deste lar em que você empedrou meu sangue, obrigando meus pais às mais débeis perversões sexuais, à servidão devotada e ao medo, que tanto encarcerava quando poda a alma, a felicidade e o vigor. Eu sou sua energúmena? Seu estrupício? Sua criada imbecil? Não me conhece, depravada, sou seu torpe pesadelo, as dores que senti, você sentirá multiplicada por quatro,

porque o veneno será acrescido em oito e o meu alívio, sem conta. É o que lhe prometo, velha maldita, suas estranhas se revirarão dentro de você, trocarão de lugar com sua pele, convulsionarão sua arrogância. Terminarei o que comecei!

**IPSOLÔNIA**

Terminei!

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Chega dessa tortura silenciosa e vil, Semenda!

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

E, modéstia à parte, está ótima.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Energúmena!

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Objetiva.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Estrupício!

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

E bonita.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Imbecil!

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Leia-a.

*Semenda revela uma carta que trazia às costas.*

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Perdão.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Uma carta?

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Não o sei.

**SEMENDA (a Salvatória)**

Não, imbecil: um aeroplano.

**IPSOLÔNIA (a Edwards)**

Perdão, digo eu.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Dá-me, esta porcaria.

*Salvatória abre a carta.*

**IPSOLÔNIA (a Edwards)**

O esqueci. Leio pra você, porque considero sua lealdade uma dádiva e este será um gesto muito aquém do seu. Espero que goste tanto de minhas palavras quanto eu de sua ação. Ei-las:

**IPSOLÔNIA E SALVATÓRIA**

Senhora dona Salvatória, de quem só a pronúncia do nome já me alimenta a alegria: estaríamos, habituados a este mundo rasteiro, preparados para a sublimação de nossos desejos? Estaríamos preparados para a redenção de nossos hormônios? Para a sedimentação de nossos sentidos? Eu, não. Eu era um homem só. Reprimia meus instintos todos apostando no trabalho como um desígnio terreno e que, como dizem nossos melhores pastores, a vivacidade plena só seria possível (e até desejável) no após-morte. Que,

cumprindo aqui com os padrões a mim estabelecidos no substrato social, teria eu direito a minha parcela, enfim, de euforia e êxtase e vida, mas somente morto e renascido. Ó, minha senhora, há pouco, minha fé era mais forte que minha lógica. Para os racionais, morrer para viver pareceria uma pilhéria de mau gosto. Mas não pra mim: minha fé era meu esteio. Até o dia em que uma simples visão abalaria a minha crença mais crua, traria dúvidas à minha altivez espiritual, relativizaria minha objetividade. Era domingo. As flores tinham dormido, porque era seco e frio o tempo até para elas. Era dia, mas só porque o relógio o confirmava e não a luz: dir-se-ia um lusco-fusco acinzentado. E, lá de dentro dessa imagem que talvez povoasse mais minha imaginação que meu olhar, surgiste tu, senhora de minhas vontades, assim transformada em segundos, e não havia nada que eu pudesse fazer de mais simples, apenas a certeza monolítica de meu amor instantâneo, radical e vivo. Virei outro. Pensava no teu corpo como um rio caudaloso em que precisava me afundar, vestir minha pele com tuas águas vivazes, e era mesmo a imagem assim, sem metáforas, que me abastecia o desejo: imaginar-me dentro de ti transformou minha fé, e sem fé um homem definha e seca e, sozinho, recrudescer e se vai. O senti na cor de minha pele, na densidade de meus ossos: por tua culpa, eu estava sozinho de deus. Até que descobri, porque não havia outra perspectiva: não era por ti. Era por mim! Porque projetei em ti a imagem da perfeição e foi por causa da perfeição que me perverti. Mas era covarde minha graça: porque só a olhava de longe, como um assassino disposto a nunca abater sua vítima para perpetuar sua atenção. Contudo, se fé definha, que dirá a atenção. Pobre assassino. Ou abate ou se abate. E foi assim que decidi escrever-te: como se fosse um tiro certo em teu peito. Não haverá espaço para dúvidas: tudo já está consumado porque, acredite, o meu sentimento é intenso e vibrátil e tu o receberás como um acalanto e será bom e será definitivo (mesmo porque o tempo não o tens em demasia).

## **IPSOLÔNIA**

Cruel, mas objetivo.

## **SALVATÓRIA**

Que horror esta parte.

## **IPSOLÔNIA E SALVATÓRIA**

O tempo é nosso senhor e, se deus existe, ele se chama tempo e é por este deus físico comprovado pelas equações matemáticas e pelos sistemas cartesianos que, Senhora Salvatória, rainha de meus dias vindouros, te convoco a esqueceres o corpo sob o meu, oferecendo a minhas extremidades todas tuas frestas úmidas (e se a natureza não te porvir de umidade suficiente, deixa que tenho cá meus truques)...

## **IPSOLÔNIA (*rindo*)**

Objetivo, mas cruel.

## **SALVATÓRIA**

Ridículo. Tenho fluídos e os tenho muito.

## **IPSOLÔNIA E SALVATÓRIA**

Portanto, senhora Salvatória, rima de todas as minhas comoções íntimas, destino único de minhas perversões da carne, quero-te. Quero-te como nunca a ninguém, nem a mim. Quero usar-te, fartar-te, absorver-te: viraremos um. Encontra-me nas Planícies de Luz, ao lado da fonte. Esperar-te-ei, porque sei que vens ser minha, e eu, teu, como se houvesse destino, como se não houvesse dor, como se fossem de delírio e êxtase cunhadas nossa história, a minha e a tua, a nossa. Espero-te amanhã, minha fome em riste, tua beleza em flor.

*Edwards está chorando. Semenda está rindo muito. Sem som.*

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Chora?

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Ri?

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Sou fraco para a beleza...

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Ri de mim?

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Esta é sua força, meu amigo.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Acha impossível que alguém me escolha?

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Por isto escolhi você.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Quer saber?

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

É isto:

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Eu tinha achado essa carta uma bobagem...

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Há equivalência entre beleza e força.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Mas teu achaque alimentou o meu desejo.

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

E há maior força que a morte?

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Vou me entregar a este homem...

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Amarei Salvatória...

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Da maneira mais torpe e porca...

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Amarei Salvatória como nunca ninguém amou.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Dilatarei os limites de meus orifícios todos...

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

E assim, dentro dela...

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Gozarei!

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Matarei Salvatória!

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

E, depois de deflorada, dilatada, arreganhada...

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Quem me dera ver isto...

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Mostrarei minhas partes para você!

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Melhor não, senhora...

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

...nem que seja necessário que eu arranque suas pálpebras.

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Farei sozinho. Eis minha sina.

*Durante a próxima fala de Semenda troca-se o cenário.*

**SEMENDA (a Salvatória)**

A vida assim é ingrata. Haverá, depois dela, alguma redenção? Ou, para nós, a esperança é o pior dos carmas? Ou, ainda, será o extremismo de meu ódio minha única possibilidade de salvação? Seria, portanto, essa desgraçada, minha dádiva mais plena? Como é triste a sina dos tolos, meu deus: acreditar num porvir hipotético mais nobre que a existência, para viver à revelia dos que dizem saber a verdade dos tempos além. Que fabulosa engenharia é morrer. Que fabulosa política. Tudo à morte se curva, porque a vida é simples, demasiado simples. E fugaz. Sua alegria, senhora decrépita, transformar-se-á em dor e minha agonia em felicidade. Serei refeita ante sua ruína. Este homem irá deflorar suas partes pudendas? Mas quem vai gozar serei eu, porque não se vai da apatia sexual à perversão extrema sem percorrer os rios caudalosos da dor. E quando estiveres lá, sob dor e pânico, eu irei rir e que esta alegria seja minha vitória e que a minha vitória - mesmo lépida - seja intensa. Eis que a vida não é assim, tão cruel. Dê-lhe tempo, paciência e ação, e

conhecerás a face gloriosa da justiça.

## CENA 10. ALFAIATARIA DE HOMENS BONS

*Há uma placa onde se lê “Alfaiataria de Homens Bons”, com os quatro Almofadinhas, todos impecavelmente elegantes, mas de ações rudes, quase selvagens, trazendo champanhe, tecidos, tesouras, fita métrica e acessórios diversos.*

### **ALMOFADINHAS**

Eis como um homem cheira:  
como será quando for cadáver,  
todo feito para sua morte,  
animal como outro qualquer.

Eis como um homem pensa:  
sem nenhuma abstração.  
Pensa porque é de sua fisiologia,  
nada além de uma função básica.

O homem assim posto  
não se distingue de nada.  
É feito de pó e ao pó tornará.  
Pobre homem! Pobre homem.

E nós, dotados do dom da forma  
(perversão mais linda e potente)  
através da beleza e do bom gosto  
revertemos o natural!

A beleza é uma força cruel,  
a beleza é uma força motriz,  
ante a beleza tudo fenece,  
ante a beleza tudo renasce.

O homem bom é o homem belo,

o homem belo é o homem bom.

*Os quatro Almfadinhas falam ao mesmo tempo sob o mesmo ritmo. Edvards está de pé ao fundo da cena, observando-os.*

### **ALMOFADINHA 01**

À força da natureza, a beleza. Um homem se mede por sua gravata, detalhes esporádicos de cor, diálogo entre tecido e forma. Reconhece-se um homem pelo que ele comunica. Um homem comunica segundo aquilo que ele veste. Um homem não é mais um homem: é um construto, uma organização de coisas, um organismo vivo urgido segundo um tratado estético invisível escrito pelas normas do bom senso e da beleza. Um homem se mede pela sua beleza. O que ele veste não é mais um tecido: é sua própria pele expandida, emanações de seu ser. Já não é necessário que nu, seja belo. Que é comum que o nu se revele sem luz. Mas não a pele exposta contra as agruras do mundo. A pele é uma espécie de couraça, armadura viril contra as espadas alheias (isto, sem nenhuma conotação sexual, por favor. Que o sexo se alastre, não há problema. Sexo é bom. Mas quem é mais belo? Um homem nu ou vestido? A veste alimenta a imaginação. Um homem verdadeiro eclode nas imagens dos que o observam. Será bom? Será forte? Será justo? Será simples? Haverá sobre ele, sempre, um mistério que o moldará ainda melhor que é). E serão, nesta pele segunda, inscritas as características mais marcantes de sua carne, dentro de dentro da pele. Um homem é o que ele emana. A segunda pele, no entanto, tem o poder de forjar seu o íntimo, redesenhar sua alma. Será necessário treinamento e intensidade. O homem não será mais um homem. Será o resultado do que deseja, do que merece e do que necessita. É possível a invenção do homem. Sendo o lugar de tal invenção, laboratório físico e químico, aqui. Praticamos a morte, praticamos a vida. Um homem que entra aqui não será mais um homem, será nosso experimento, nossa escultura viva, resultado de nossa devoção à verdade do homem social: o homem social. Quem é o homem social? É o homem que se

veste como tal, que empunha sua roupa como um ator sua personagem, um rei sua coroa, um soldado sua espingarda. Não é o bom homem das fábulas filosóficas, o que obedece às leis, antes o que as escreve. O que respeita os outros, mas o que entende o respeito e o conquista. O homem social não é o que se doa, mas o que se impõe. Não é o que convive bem, mas o que permite que bem se conviva. Mas eis que o dia surge, o trabalho nos convoca: eis, ali, um homem (ou o que pensa de si). Entre senhor, alinhe tua coluna segundo tuas intenções, pouso um pé ao lado do outro, respira o que temes. Como podemos ajudar-te?

## **ALMOFADINHA 02**

À força da natureza, a palavra. Um homem se mede por seu verbo, detalhes esporádicos de sentido, diálogo entre conteúdo e forma. Reconhece-se um homem pelo que ele comunica. Um homem comunica através daquilo que ele fala. Um homem não é mais um homem: é um construto, uma organização de ideias, um organismo lógico urgido segundo um tratado ético invisível escrito pelas normas do bom senso e da razão. Um homem se mede pela sua lógica. O que ele fala não é mais uma frase: é seu próprio corpo ressignificado, emanações de seu ser. Já não é necessário que em si, faça sentido. Que é comum que o sentido se revele no vácuo. Mas não o sentido agudo contra a ignorância do mundo. A inteligência é uma espécie de couraça, armadura viril contra as espadas alheias (isto, sem nenhuma conotação sexual, por favor. Que o sexo se alastre, não há problema. Sexo é bom. Mas quem é mais sábio? O que sabe ou o que virá a saber? A sabedoria condiciona a imaginação. Um homem verdadeiro eclode nas imagens dos que o escutam. Será bom? Será sábio? Inteligente? Será simples? Haverá sobre ele, sempre, um mistério que o moldará ainda melhor que é). E serão, no seu bom senso, inscritas as características mais marcantes de sua personalidade, dentro de dentro do ser. Um homem é o que ele emana. A inteligência, no entanto, tem o poder de reinventar seu o íntimo, redesenhar sua alma. Será necessário treinamento e

intensidade. O homem não será mais um homem. Será o resultado do que deseja, do que merece e do que necessita. É possível a invenção do homem. Sendo o lugar de tal invenção, laboratório físico e químico, aqui. Praticamos a morte, praticamos a vida. Um homem que entra aqui não será mais um homem, será nosso experimento, nossa escultura viva, resultado de nossa devoção à verdade do homem social: o homem social. Quem é o homem social? É o homem que se entende como tal, que empunha sua palavra como um ator sua personagem, um rei sua coroa, um soldado sua espingarda. Não é o bom homem das fábulas filosóficas, o que obedece às lei, antes o que as escreve. O que respeita os outros, mas o que entende o respeito e o conquista. O homem social não é o que se doa, mas o que se impõe. Não é o que convive bem, mas o que permite que bem se conviva. Mas eis que o dia surge, o trabalho nos convoca: eis, ali, um homem (ou o que pensa de si). Entre senhor, alinhe tua coluna segundo tuas intenções, pousa um pé ao lado do outro, respira o que temes. Como podemos ajudar-te?

### **ALMOFADINHA 03**

À força da natureza, a crença. Um homem se mede por sua fé, detalhes íntimos de dor, diálogo entre corpo e alma. Reconhece-se um homem pelo que ele acredita. Um homem acredita somente naquilo que ele repete. Um homem não é mais um homem: é um construto, uma organização de ideias, um organismo vivo urgido segundo um tratado ético invisível escrito pelas normas do bom senso e da bondade. Um homem se mede pela sua bondade. O que ele prega não é mais o que acredita: é sua própria fé expandida, emanações de seu ser. Já não é necessário que silente, repita salmos. Que é comum que deus se revele no mal. Mas não a fé exposta contra as maldades do mundo. A fé é uma espécie de couraça, armadura viril contra as espadas alheias (isto, sem nenhuma conotação sexual, por favor. Que o sexo não se alastre, é importante. Sexo é bom. Mas quem é mais pleno? O sexo ou o homem? A fé limita a imaginação. Um homem verdadeiro eclode nas imagens dos que o seguem. Será bom? Será

forte? Será justo? Será simples? Haverá sobre ele, sempre, um mistério que o moldará ainda melhor que é). E serão, nesta fé plena, inscritas as características mais marcantes de seu ser, dentro de dentro do peito. Um homem é o que ele emana. A fé plena, no entanto, tem o poder de forjar seu o íntimo, redesenhar sua alma. Será necessário treinamento e intensidade. O homem não será mais um homem. Será o resultado do que deseja, do que merece e do que necessita. É possível a invenção do homem. Sendo o lugar de tal invenção, laboratório físico e químico, aqui. Praticamos a morte, praticamos a vida. Um homem que entra aqui não será mais um homem, será nosso experimento, nossa escultura viva, resultado de nossa devoção à verdade do homem social: o homem social. Quem é o homem social? É o homem que se crê como tal, que empunha sua fé como um ator sua personagem, um rei sua coroa, um soldado sua espingarda. Não é o bom homem das fábulas filosóficas, o que obedece às leis, antes o que as escreve. O que respeita os outros, mas o que entende o respeito e o conquista. O homem social não é o que se doa, mas o que se impõe. Não é o que convive bem, mas o que permite que bem se conviva. Mas eis que o dia surge, o trabalho nos convoca: eis, ali, um homem (ou o que pensa de si). Entre senhor, alinhe tua coluna segundo tuas intenções, poussa um pé ao lado do outro, respira o que temes. Como podemos ajudar-te?

#### **ALMOFADINHA 04**

À força da natureza, o trabalho. Um homem se mede por sua força, presença física de dor, diálogo entre músculo e corpo. Reconhece-se um homem pelo que ele transforma. Um homem transforma somente aquilo que ele detém. Um homem não é mais um homem: é um construto, uma organização de músculos, um organismo vivo urgido segundo um tratado prático invisível escrito pelas normas da física e da força. Um homem se mede pela sua força. O que ele molda não é mais o que trabalha: é seu próprio corpo refeito, simplificação de seu ser. Já não é necessário que teso, exercite-se. Que é comum que a força se revele na dor. Mas não a força posta contra

as maldades do mundo. A força é uma espécie de couraça, armadura viril contra as espadas alheias (isto, sem nenhuma conotação sexual, por favor. Que o sexo se alastre e se alastre viril. Sexo é bom. Mas quem é mais pleno? O sexo ou o homem? A força sustenta a imaginação. Um homem verdadeiro eclode nas imagens dos que o temem. Será bom? Será forte? Será justo? Será simples? Haverá sobre ele, sempre, um mistério que o moldará ainda melhor que é). E serão, nesta força plena, inscritas as características mais marcantes de seu ser, dentro de dentro do peito. Um homem é o que ele emana. A força plena, no entanto, tem o poder de forjar sua personalidade, redesenhar sua alma. Será necessário treinamento e intensidade. O homem não será mais um homem. Será o resultado do que deseja, do que merece e do que necessita. É possível a invenção do homem. Sendo o lugar de tal invenção, laboratório físico e químico, aqui. Praticamos a morte, praticamos a vida. Um homem que entra aqui não será mais um homem, será nosso experimento, nossa escultura viva, resultado de nossa devoção à verdade do homem social: o homem social. Quem é o homem social? É o homem que se crê como tal, que empunha sua força como um ator sua personagem, um rei sua coroa, um soldado sua espingarda. Não é o bom homem das fábulas filosóficas, o que obedece às leis, antes o que as escreve. O que respeita os outros, mas o que entende o respeito e o conquista. O homem social não é o que se doa, mas o que se impõe. Não é o que convive bem, mas o que permite que bem se conviva. Mas eis que o dia surge, o trabalho nos convoca: eis, ali, um homem (ou o que pensa de si). Entre senhor, alinhe tua coluna segundo tuas intenções, pousa um pé ao lado do outro, respira o que temes. Como podemos ajudar-te?

## **EDVARDS**

(Ao Almofadinha 01) Tenho uma sina e esta sina é maior do que eu.

(Ao Almofadinha 02) Tenho uma sina e esta sina é maior do que eu.

(Ao Almofadinha 03) Tenho uma sina e esta sina é maior do que eu.

(Ao Almofadinha 04) Tenho uma sina e esta sina é maior do que eu.

### **ALMOFADINHA 01**

Sina, todos temos. Uns a enfeitam, outros rejeitam. Uns nem a imaginam. Outros a transformam numa espécie de espelho em que refletem-se e passam a supor aquela imagem refletida como a única verdade, acreditando em si como imagem refletida. Portanto, senhor, tua sina pode ser tua ruína ou tua glória. Basta que escolhas. Qual escolhes?

### **ALMOFADINHA 02**

Sina, todos temos. Uns a conhecem, outros ignoram. Uns nem a imaginam. Outros a transformam numa espécie de contrato em que explicam-se e passam a supor aquele contrato fictício como a única verdade, acreditando em si como contrato fictício. Portanto, senhor, tua sina pode ser tua ruína ou tua glória. Basta que escolhas. Qual escolhes?

### **ALMOFADINHA 03**

Sina, todos temos. Uns a endeusam, outros repudiam. Uns nem a imaginam. Outros a transformam numa espécie de mito a que se devotam e passam a supor aquele mito íntimo como a única verdade, acreditando em si como mito íntimo. Portanto, senhor, tua sina pode ser tua ruína ou tua glória. Basta que escolhas. Qual escolhes?

### **ALMOFADINHA 04**

Sina, todos temos. Uns a dominam, outros submetem-se. Uns nem a imaginam. Outros a transformam numa espécie de meta em que ancoram-se e passam a supor aquela meta inventada como a única verdade, acreditando em si como meta inventada. Portanto, senhor, tua sina pode ser tua ruína ou tua glória. Basta que escolhas. Qual escolhes?

### **EDVARDS**

(Ao Almofadinha 01) Minha glória será minha ruína e minha ruína,

minha glória. Escolho ambas. (Ao Almofadinha 02) Minha glória será minha ruína e minha ruína, minha glória. Escolho ambas. (Ao Almofadinha 03) Minha glória será minha ruína e minha ruína, minha glória. Escolho ambas. (Ao Almofadinha 04) Minha glória será minha ruína e minha ruína, minha glória. Escolho ambas.

### **ALMOFADINHAS**

E se dissermos que tens escolhas, mas não tens.

### **EDVARDS**

(Ao Almofadinha 01) Eu não entenderia. (Ao Almofadinha 02) Eu não entenderia. (Ao Almofadinha 03) Eu não entenderia. (Ao Almofadinha 04) Eu não entenderia.

### **ALMOFADINHAS**

E, se ao tentarmos parecer mais claros, demandássemos certa violência?

### **EDVARDS**

(Ao Almofadinha 01) Eu teria medo, mas não por muito tempo. Porque a violência me ensinaria o vigor. E, depois, sob o vigor de vocês, iria de encontro à minha sina. Que foi a primeira coisa que falei quando entrei aqui. Estou sendo entendido? Ou falo como se falasse ao vento. Já não tenho tempo pra frivolidades. Sejamos objetivos. Aqui eu compro um homem que não existe em mim? (Ao Almofadinha 02) Eu teria medo, mas não por muito tempo. Porque a violência me ensinaria o vigor. E, depois, sob o vigor de vocês, iria de encontro à minha sina. Que foi a primeira coisa que falei quando entrei aqui. Estou sendo entendido? Ou falo como se falasse ao vento. Já não tenho tempo pra frivolidades. Sejamos objetivos. Aqui eu compro um homem que não existe em mim? (Ao Almofadinha 03) Eu teria medo, mas não por muito tempo. Porque a violência me ensinaria o vigor. E, depois, sob o vigor de vocês, iria de encontro à minha sina. Que foi a primeira coisa que falei quando entrei aqui.

Estou sendo entendido? Ou falo como se falasse ao vento. Já não tenho tempo pra frivolidades. Sejamos objetivos. Aqui eu compro um homem que não existe em mim? (Ao Almofadinha 04) Eu teria medo, mas não por muito tempo. Porque a violência me ensinaria o vigor. E, depois, sob o vigor de vocês, iria de encontro à minha sina. Que foi a primeira coisa que falei quando entrei aqui. Estou sendo entendido? Ou falo como se falasse ao vento. Já não tenho tempo pra frivolidades. Sejamos objetivos. Aqui eu compro um homem que não existe em mim?

### **ALMOFADINHA 01**

Eis um espécime de homem com a qual lidamos apenas raramente: desses que vivem sob carcaça grossa, talhados pelo peso dos anos, burilados para servir (ele cheira a suor dos que sofrem e a poeira dos tapetes), quase completamente isentos de si. Mas não todo. Eis que a beleza assim se apresenta e é simples (mas não é porque é simples que não seja tensa, intensa, viril). Chego a babar de euforia porque eis um corpo que desejo: espalhar minhas mãos sob esta pele crua, chegar a acreditar que se trata de pedra, talhar-lhe músculo por músculo, fazer dele um modelo perfeito, renascer nele.

### **ALMOFADINHA 02**

Eis um espécime de homem com a qual lidamos apenas raramente: desses dos quais quase não se fala, esquecidos pelo peso dos anos, treinados para servir (ele parece um personagem de Kafka ou barata sem palavra), quase completamente isentos de si. Mas não todo. Eis que a lógica assim se apresenta e é simples (mas não é porque é simples que não seja tensa, intensa, viril). Chego a babar de euforia porque eis uma história que me toca: recontar seus passos neste mundo cru, chegar a acreditar que se trata de poema, cunhar-lhe verbo por verbo, fazer dele um pronome perfeito, renascer nele.

### **ALMOFADINHA 03**

Eis um espécime de alma com a qual lidamos apenas raramente: dessas que perambulam pela memória, esquecidas pelo peso dos anos, treinadas para servir (ele parece um personagem bíblico ou santo sem porvir), quase completamente isentos de si. Mas não todo. Eis que a fé assim se apresenta e é simples (mas não é porque é simples que não seja tensa, intensa, viril). Chego a planar de euforia porque eis uma alma que me preenche: reinventar seus passos neste mundo cru, chegar a acreditar que se trata de santo, orar por seu corpo e alma, fazer dele verdadeiro mártir, renascer nele.

### **ALMOFADINHA 04**

Eis um espécime de corpo com a qual lidamos apenas raramente: desses que perambulam pelas ruas, esquecidos pela intensa miséria, treinados para servir (ele parece um rato de laboratório ou cavalo ou porco), quase completamente isentos de si. Mas não todo. Eis que a força assim se apresenta e é simples (mas não é porque é simples que não seja tensa, intensa, viril). Chego a sofrer de euforia porque eis um exemplo que me toca: retrabalhar seu esforço neste mundo fraco, chegar a acreditar que se trata de um bicho, remoldar seu corpo e sua alma, fazer dele estátua de homem, renascer nele.

### **EDVARDS**

(Ao Almofadinha 01) Seja claro: posso ou não posso ser outro? (Ao Almofadinha 02) Seja claro: posso ou não posso ser outro? (Ao Almofadinha 03) Seja claro: posso ou não posso ser outro? (Ao Almofadinha 04) Seja claro: posso ou não posso ser outro?

### **ALMOFADINHAS**

Podes e não podes.

### **EDVARDS**

(Ao Almofadinha 01) Como assim? (Ao Almofadinha 02) Como assim? (Ao Almofadinha 03) Como assim? (Ao Almofadinha 04) Como

assim?

### **ALMOFADINHAS**

Só poderás quando não puderes mais!

### **EDVARDS**

(Ao Almofadinha 01) Detesto enigmas porque não sou afeito às soluções. Seja claro! (Ao Almofadinha 02) Detesto enigmas porque não sou afeito às soluções. Seja claro! (Ao Almofadinha 03) Detesto enigmas porque não sou afeito às soluções. Seja claro! (Ao Almofadinha 04) Detesto enigmas porque não sou afeito às soluções. Seja claro!

### **ALMOFADINHA 01**

Precisarás morrer para que renasça noutra pele. Estarás tu pronto para a morte?

### **ALMOFADINHA 02**

Precisarás morrer para que renasça noutro nome. Estarás tu pronto para a morte?

### **ALMOFADINHA 03**

Precisarás morrer para que renasça noutra alma. Estarás tu pronto para a morte?

### **ALMOFADINHA 04**

Precisarás morrer para que renasça noutro corpo. Estarás tu pronto para a morte?

### **EDVARDS**

(Ao Almofadinha 01) Se a morte é minha sina, que assim seja: estou! (Ao Almofadinha 02) Se a morte é minha sina, que assim seja: estou! (Ao Almofadinha 03) Se a morte é minha sina, que assim seja: estou! (Ao Almofadinha 04) Se a morte é minha sina, que assim seja:

estou!

*Os Almofadinhas acuam Edwards, despindo-o, conectam-no a uma espécie de máquina, divertindo-se intensa e, novamente, selvaticamente. Fumaça, água, engrenagens, cortes, circuitos, eletrodos. Ele sofre de dor.*

### **ALMOFADINHAS**

Ele mentiu (e eis a mais clara limitação da pureza): ninguém está preparado para a morte. E Edwards teve medo: haveria começo depois do fim? E sentiu dor quando seu corpo foi perfurado, recortado, costurado, dor intensa, quase ácida, e gritou quando gritar era a única perspectiva, e chorou, e entregou-se ao silêncio agudo quando não havia mais sentido em gritar, e tremeu de frio e depois de calor, e seus poros exalaram cada segundo de pânico, e cada célula sua quis despregar-se de seu corpo e evaporar, deixar de existir, porque era o momento exatamente anterior a seu derradeiro conjunto de inspirar e expirar, tudo conduzia à exaustão máxima. Que futuro pertenceria a aquele homem em desespero? Estaria apenas exagerando uma sina que nem era dele? Ou, ao assumi-la de todo, teria herdado dela até os desígnios ruins? Edwards ardia em dor.

### **EDVARDS**

(Ao Almofadinha 01) Chega! Renego minha sina, sou fraco, sempre fui! (Ao Almofadinha 02) Chega! Renego minha sina, sou fraco, sempre fui! (Ao Almofadinha 03) Chega! Renego minha sina, sou fraco, sempre fui! (Ao Almofadinha 04) Chega! Renego minha sina, sou fraco, sempre fui! (Ao Almofadinha 01) Deixa que eu volte para o chão frio de minha cozinha, para o peso de meu uniforme puído, para o cheiro podre das latrinas dos ricos. (Ao Almofadinha 02) Deixa que eu volte para o chão frio de minha cozinha, para o peso de meu uniforme puído, para o cheiro podre das latrinas dos ricos. (Ao Almofadinha 03) Deixa que eu volte para o chão frio de minha

cozinha, para o peso de meu uniforme puído, para o cheiro podre das latrinas dos ricos. (Ao Almofadinha 04) Deixa que eu volte para o chão frio de minha cozinha, para o peso de meu uniforme puído, para o cheiro podre das latrinas dos ricos. (Ao Almofadinha 01) Liberta-me do que não tenho. (Ao Almofadinha 02) Liberta-me do que não tenho. (Ao Almofadinha 03) Liberta-me do que não tenho. (Ao Almofadinha 04) Liberta-me do que não tenho.

### **ALMOFADINHAS**

Não. Tens saída e não tens saída. Não tens escolha. Viverás teu derradeiro momento e, se tiveres sorte, também teu momento primeiro. A vida roda, mas há rodas que param. Terás tu força para o movimento? Veremos.

*Deixam Edvards e se dirigem aos cantos, postando-se como estátuas de mármore. Tempo. Edvards está completamente conectado à tal máquina por fios e equipamentos cirúrgicos. Está entubado e sua voz também é filtrada pela máquina. Entra Morte.*

## CENA 11. UM TANGO COM A MORTE

**EDVARDS**

Sonho novamente com a morte?

**MORTE**

A morte é que sonha contigo.

**EDVARDS**

Tudo isso para nada?

**MORTE**

Para mim nada é tudo.

**EDVARDS**

Estarei condenado aos enigmas?

**MORTE**

Terias coragem para o fim dos enigmas?

**EDVARDS**

O fim dos enigmas és tu!

**MORTE**

Tens coragem para mim?

**EDVARDS**

E se eu dissesse 'não'?

**MORTE**

Eu estaria aqui, agora, posta a tua frente como tua sombra atrás.

**EDVARDS**

E seu eu dissesse 'sim'?

**MORTE**

Eu estaria aqui, agora, posta a tua frente como tua sombra atrás.

**EDVARDS**

Uma coisa é a outra?

**MORTE**

Sempre.

**EDVARDS**

Então não és o fim dos enigmas: o que se esconde atrás de ti que não reconheço?

**MORTE**

Eu sou toda resposta, por isso não existe pergunta.

**EDVARDS**

Existe em mim.

**MORTE**

Silencia tuas dúvidas!

**EDVARDS**

Isto é um enigma?

**MORTE**

Isto é uma ordem! Abandona teus desejos.

**EDVARDS**

Já abandonei.

**MORTE**

Abandona os desejos que não são teus!

**EDVARDS**

Não posso abandonar aquilo que ainda não tenho.

**MORTE**

Se não os tivesse, não estarias aqui.

**EDVARDS**

Se os tivesse também não.

**MORTE**

Tens desejos ou não tens?

**EDVARDS**

Ter ou não ter, eis a questão.

**MORTE**

E se eu te permitisse uma escolha?

**EDVARDS**

Eu te exigiria uma resposta.

**MORTE**

E se eu te desse uma resposta?

**EDVARDS**

Eu acordaria de teu sonho.

**MORTE**

Não acorda... ainda.

**EDVARDS**

Ainda? Quer dizer que acordarei?

**MORTE**

Quando chegar a hora.

**EDVARDS**

Vou tentar mover minhas pernas, minhas pálpebras... Em meu sonho surgirão palpitações como se eu caísse da cama, saísse voando de meu corpo físico e, com medo, acordarei suado e não me lembrarei de nada, nem de ti.

**MORTE**

Já o disse, Edvards: este sonho não é teu!

**EDVARDS**

Então acorda tu!

**MORTE**

Quando chegar a hora.

**EDVARDS**

Que farsa é essa? Tu não sonhas!

**MORTE**

É raro, mas sim, eu sonho. E quando me dão essa oportunidade eu costumo fruí-la com calma, como um cochilo que antecede uma imensa batalha, como comer iguarias incríveis, como meditar coisas impossíveis para o corpo. Eu sonho. E me lembro de que já fui criança e que estou condenada a nunca envelhecer e a ver passar a maior miséria humana inúmeras vezes por segundo sendo-a e, indiferente ao desespero alheio, perpetuar-me assim: a personificação do horror. Mas quase nunca sofro. Só quando sonho. E, pra mim, sofrer é bom. Deixa-me sofrer mais um pouco. Dança a minha dor.

**EDVARDS**

Danço.

*Música. A morte toma Edvards nos braços, ele ainda conectado a máquina, a dança acontece à revelia de todo aparato técnico.*

### **ALMOFADINHAS**

Ela te toma nos braços e tu, feito tecido fosse,  
abandona-te assim em seus braços senis.

E ainda que seja penosa tua vida ou o teu destino doce  
ou sejam singelos teus atos (e as dores que a sorte te trouxe  
não tenham cravado em tua sina misérias viris),

ela te toma nos braços, rainha da putrefação  
convida-te a apodrecer, sem história e sem dor.

Ela é a passagem silente, sem forma e sem redenção  
e tudo que resta é memória, história, pavor, provação  
dos que restam viventes, tementes, em culpa e rancor.

Para ela não há história

Para ela não há futuro

para ela não há desejo

para ela não há saudade

Para ela tudo é instante

## CENA 12. UM NOVO EDVARDS

*Com enorme selvageria os Almofadinhas arrancam Edwards da máquina e dos braços da morte, que resiste. Os Almofadinhas continuam falando ao mesmo tempo.*

### **ALMOFADINHA 01**

Está nu de si!

### **ALMOFADINHA 02**

Respira...

### **ALMOFADINHA 03**

O espírito plana...

### **ALMOFADINHA 04**

Arranquem-no!

### **MORTE**

Deixem-no! Será breve e sem dor!

### **ALMOFADINHAS**

Tira dele teus tentáculos de gelo.

### **MORTE**

Deixem-no dormir comigo.

### **ALMOFADINHAS**

Liberta-o de ti, não resiste, dá-lhe tempo e porvir, alimenta-o de mais história.

### **MORTE**

Eu não quero acordar. Ele sonhou meu sonho. Ele agora é minha memória.

## **ALMOFADINHAS**

Não tens memórias. És toda futuro. Não há beleza em tua sina. Não confunda tua sina com tua função. Estás preparada para a simplicidade?

## **MORTE**

Eu não...

## **ALMOFADINHAS**

Acorda!!!

*Em violência histórica arrancam as roupas de Edvards e lhe vestem como um homem elegante, gel nos cabelos, flor na lapela. Quando terminam, sai Morte, vencida. Tempo longo.*

## **ALMOFADINHA 01**

Eis... um homem. Forjado segundo o potencial irrestrito de sua beleza. Eis um homem. Moldado segundo sua carne, mas de carnes refeito: boneco de massinha. Alguém se julga diferente dele? Há mais homens aqui? Um, que seja? Alguém que acredite em liberdade? Em verdade pura? Tudo é moldado. São todos fabricados pelo sistema. Nós somos o sistema. Cultura, educação, verdade e fé. Este aqui é um homem: observem sua elegância irrestrita, sua postura ereta, a beleza de seu espírito (mesmo que não haja espírito porque tudo é forma). Eis, um homem. Pronto para sua sina, refeito para ela: haveria melhor molde do que o destino? Se irá reproduzir-se, destruir-se, destruir-lhes, pra nós, não importa. Cumpriu-se nossa função. Toda função tem um fim. Entregamos-lhes um homem belo. Quem aqui não ama a beleza? Regozijem-se em seu corpo magro. Fodam-no como lhes é de costume. Mastiguem suas tentações todas. Regurgitem-no como um de vocês. Reproduzam-se nele! Para nós, não importa. Importa que cumpramos nossa sina: forjar homens belos. Que todo resto seja simples como o é. E ponto.

## **ALMOFADINHA 02**

Eis... um homem. Forjado segundo o potencial irrestrito de seu nome. Eis um homem. Moldado como a palavra homem, mas de outras refeito: palavra cruzada. Alguém se julga diferente dele? Há mais homens aqui? Um, que seja? Alguém que acredite em liberdade? Em verdade pura? Tudo é moldado. São todos fabricados pelo sistema. Nós somos o sistema. Cultura, educação, verdade e fé. Este aqui é um homem: observem sua eloquência irrestrita, sua palavra reta, a beleza de seu espírito (mesmo que não haja espírito porque tudo é ideia). Eis, um homem. Pronto para sua sina, refeito para ela: haveria melhor molde do que o destino? Se irá reproduzir-se, destruir-se, destruir-lhes, pra nós, não importa. Cumpriu-se nossa função. Toda função tem um fim. Entregamos-lhes um homem sábio. Quem aqui não ama a sabedoria? Regozijem-se em seu corpo magro. Fodam-no como lhes é de costume. Mastiguem suas tentações todas. Regurgitem-no como um de vocês. Reproduzam-se nele! Para nós, não importa. Importa que cumpramos nossa sina: forjar homens sábios. Que todo resto seja simples como o é. E ponto.

## **ALMOFADINHA 03**

Eis... um homem. Forjado segundo a graça imensa de sua fé. Eis um homem. Moldado sob a virtude do amor, cheio de metáforas: virtudes íntimas. Alguém se julga diferente dele? Há mais homens aqui? Um, que seja? Alguém que acredite em liberdade? Em verdade pura? Tudo é moldado. São todos fabricados pelo sistema. Nós somos o sistema. Cultura, educação, verdade e fé. Este aqui é um homem: observem sua concentração, sua devoção, a beleza de seu espírito (há provas que existe o espírito muito além da forma). Eis, um homem. Pronto para sua sina, refeito para ela: haveria melhor molde do que o destino? Se irá reproduzir-se, destruir-se, destruir-lhes, pra nós, não importa. Cumpriu-se nossa função. Toda função tem um fim. Entregamos-lhes um homem crente. Quem aqui não ama a fé? Regozijem-se em seu corpo magro. Fodam-no como lhes

é de costume. Mastiguem suas tentações todas. Regurgitem-no como um de vocês. Reproduzam-se nele! Para nós, não importa. Importa que cumpramos nossa sina: forjar homens de fé. Que todo resto seja simples como o é. E ponto.

#### **ALMOFADINHA 04**

Eis... um homem. Forjado segundo a pujança intensa de seu força. Eis um homem. Moldado sob a dureza da vida, sem subterfúgios: dureza e esforço. Alguém se julga diferente dele? Há mais homens aqui? Um, que seja? Alguém que acredite em liberdade? Em verdade pura? Tudo é moldado. São todos fabricados pelo sistema. Nós somos o sistema. Cultura, educação, verdade e fé. Este aqui é um homem: observem sua musculatura, sua rigidez, a nulidade de seu espírito (é claro que não existe o espírito e tudo é forma). Eis, um homem. Pronto para sua sina, refeito para ela: haveria melhor molde do que o destino? Se irá reproduzir-se, destruir-se, destruir-lhes, pra nós, não importa. Cumpriu-se nossa função. Toda função tem um fim. Entregamos-lhes um homem forte. Quem aqui não ama a força? Regozijem-se em seu corpo magro. Fodam-no como lhes é de costume. Mastiguem suas tentações todas. Regurgitem-no como um de vocês. Reproduzam-se nele! Para nós, não importa. Importa que cumpramos nossa sina: forjar homens fortes. Que todo resto seja simples como o é. E ponto.

#### **EDVARDS**

(Ao Almofadinha 01) Se vocês acham que estou pronto, estou pronto. Ponto. (Ao Almofadinha 02) Se vocês dizem que estou pronto, estou pronto. Ponto. (Ao Almofadinha 03) Se vocês creem que estou pronto, estou pronto. Ponto. (Ao Almofadinha 04) Se vocês afirmam que estou pronto, estou pronto. Ponto.

*Durante a próxima fala, monta-se o próximo cenário.*

## **UM DOS ATORES QUE INTERPRETOU OS ALMOFADINHAS**

A partir de agora Edvards era um homem-função, desses que acordam de manhã para cumprir uma sina delineada não por si. Seria exagerada a morte como metáfora para um homem que se refez? Ou, por ser tão simples, a morte não caberia numa metáfora? Indiferente a tais praticidades, nosso homem seguia o que ele mesmo chamava de destino: tornar-se assassino (uma vez que, como o acreditava esse herói - inocente como todo herói - ao ter começado por assassinar a si, agora não haveria mais volta). No entanto, como é nossa função antes enredar um assunto do que necessariamente explicá-lo, sim: Edvards morreu. E, como algumas vezes na história, renasceu. Todo herói é uma espécie de santo. Toda história é uma metáfora. Não, não se assanhem os ateus nem se revoltem os crentes: aqui não existe nenhum mistério. Segundo a física quântica um elétron aparece ao mesmo tempo em dois lugares diferentes. Portanto, será assim: Edvards morreu e não morreu.

## CENA 13. EDVARDS QUE MORREU

*Entra Edvards que Morreu. Edvards e Edvards que Morreu estão nas Planícies da Luz.*

**EDVARDS**

E se ela não vier?

**EDVARDS QUE MORREU**

E se vier?

**EDVARDS**

Como é cruel se viver com uma dúvida.

**EDVARDS QUE MORREU**

Como é limitada a certeza!

**EDVARDS**

Chega de paradoxos linguísticos! Você morreu!

**EDVARDS QUE MORREU**

E você tinha medo de fantasmas...

**EDVARDS**

Outra coisa que morreu comigo. Agora sou todo prática.

**EDVARDS QUE MORREU**

E se ela não vier?

**EDVARDS**

Virá. Acho que virá. Virá?

**EDVARDS QUE MORREU**

Não sei nada de seu futuro. Apenas do passado.

**EDVARDS**

Você é meu passado.

**EDVARDS QUE MORREU**

E você? Meu futuro?

**EDVARDS**

Não terá um futuro quem morreu.

**EDVARDS QUE MORREU**

Você perdeu a condição de ser simples.

**EDVARDS**

Será que enlouqueci?

**EDVARDS QUE MORREU**

Não finja que não estou aqui.

**EDVARDS**

Você não está aí!

**EDVARDS QUE MORREU**

Se você teme a verdade, a covardia é a pior das soluções.

**EDVARDS**

Não existem verdades mortas.

**EDVARDS QUE MORREU**

Você continua não sabendo nada sobre a verdade.

**EDVARDS**

Não vou mais apresentar réplicas para esse diálogo absurdo.

**EDVARDS QUE MORREU**

Absurda é a vida, Edvards!

**EDVARDS**

Ai, que vontade de responder que se a vida é o absurdo, todo o resto seria normal, e portanto o que seria normal seria absurdo e o contrário. Mas não vou mais responder a esse fantasma de mim.

**EDVARDS QUE MORREU**

Você tinha medo de fantasmas...

**EDVARDS**

Se eu pudesse responder, eu responderia o que já respondi: sou outro Edvards.

**EDVARDS QUE MORREU**

Eu, não!

**EDVARDS**

Você... não... existe!

**EDVARDS QUE MORREU**

Bem vindo de volta ao diálogo, Edvards.

**EDVARDS**

Meu Deus, é mais grave do que eu supunha. Este outro de mim tem inteligência retórica.

**EDVARDS QUE MORREU**

E também certa superioridade emocional...

**EDVARDS**

É isso. Eu mudei. Nunca tive inteligência retórica nem emocional, apenas destreza na quantificação dos temperos. Eu mudei, mas

mudei em você, não em mim. É por isso que me dividi assim, mesmo sem querer.

### **EDVARDS QUE MORREU**

Isto não te soa um pouco absurdo?

### **EDVARDS**

Que soe... O que não soa? A lógica é a limitação dos sentidos. Apenas isto. Anda, dá-me seus pertences todos. Toma aqui os meus.

*Durante a próxima fala trocam de roupa.*

### **EDVARDS até EDVARDS QUE MORREU**

Ai, que precipitada é essa vida. Para tudo o esforço. Nada é dado à revelia. Mas se é assim, que assim seja. Porque o esforço é a garantia da mudança. Tudo que muda de estado, se precipita. Será necessária a ebulição para a água virar vapor. E o frio extremo para que se congele. Nada é medíocre nesta relação de coisas que mudam. Pensas que será assim, Edvards: entrar numa loja e comprar sua nova condição? Não. Para tudo, os limites, até para o esbanjamento de grana. Sofri, gritei, temi. Ainda será pouco. Terei que me concentrar nas condições humanas: precisarei usar até a inteligência? Uso-a, agora. Sou um novo homem porque quis, porque agi e porque assim o entendi.

*Tempo.*

### **EDVARDS QUE MORREU**

Qual será o sentimento de ser outro?

### **EDVARDS**

Não deve ser muito diferente do sentimento de si.

**EDVARDS QUE MORREU**

Mas deve haver algum prenúncio, uma sensação, um coceira...

**EDVARDS**

Ser só é possível sendo.

**EDVARDS QUE MORREU**

Não é possível, continuo produzindo máximas filosóficas naquele outro corpo ali.

**EDVARDS**

Ser ou não ser?

**EDVARDS QUE MORREU**

E referências literárias e uma empáfia ao pronunciar 'erres'.

**EDVARDS**

Não percebe, EdvarDS? Só é possível reconhecer o ser no outro.

**EDVARDS QUE MORREU**

Percebo tanto que o quero de volta.

**EDVARDS**

A vida não é assim, EdvarDS, reversível.

**EDVARDS QUE MORREU**

Não estamos tratando da vida. Estamos tratando da morte.

**EDVARDS**

A morte de quem? Minha ou sua?

**EDVARDS QUE MORREU**

O que é meu é seu, o que é seu é meu.

## **EDVARDS**

Como pode ter tanta certeza?

## **EDVARDS QUE MORREU**

A partir de hoje será assim: a certeza será uma frase. Eu digo, eu sou. Portanto, devolve-me todo.

*Trocam de novo o figurino.*

## **EDVARDS QUE MORREU até EDVARDS**

Não existe certeza sobre nada. Viver é admitir instabilidades. Ai, que prepotência a nossa. Será mais fácil assim. A partir de hoje não vou responder 'não' sem 'sim' para mais nada. Tudo é relativo. Quando pensar em não, imaginarei as possibilidades de que fosse 'sim', e responderei os argumentos médios de um e de outro. Que é essa vida senão uma balança? É necessário que se pese tudo, até o que é leve. Municie sua balança de paciência e destreza e em breve ela será tão precisa quando a verdade. É isto: a verdade é uma quimera. Tudo é medido segundo sua quantidade.

*Tempo.*

## **EDVARDS**

Eu sabia: esta é minha nova forma. Devo me habituar a ela. Não há distinção entre forma e conteúdo.

## **EDVARDS QUE MORREU**

Então porque ser eu?

## **EDVARDS**

Ai, meu Deus... que pergunta complexa. Melhor ignorar...

## **EDVARDS QUE MORREU**

Vamos recapitular: porque ser você?

## **EDVARDS**

É isso: enlouqueci. Já não tenho autoridade sobre mim. Coloco-me em questão com muita facilidade. Mas vamos lá, a pergunta é simples. Porque ser eu? Se há complexidade na pergunta, pode não haver na resposta. Responderei sem justificativas. Será assim. Deixa ver... Porque ser eu? Porque sim.

## **EDVARDS QUE MORREU**

Prático, objetivo e simples. Talvez seja hora de admitirmos que estamos preparados.

## **EDVARDS**

Meu Deus, achava-me louco e nunca resultei tão são. Isto deve ser alguma provação. Do tipo: sempre fugir de si. Já sei: um dos pecados capitais. A inveja. É claro. Olho pra este outro de mim que se veste tão bem, se porta como se fosse forte, e é claro que quero ser ele. É a inveja.

## **EDVARDS QUE MORREU**

Não seja tão racional, Edwards. Você só pode invejar aquilo que não pode ser...

## **EDVARDS**

É óbvio. Tão óbvio que só é possível obedecê-lo. Anda: dá-me de volta. Não tenho inveja de você. Sou você.

*Vão continuamente trocando de figurino durante a próxima fala.*

## **EDVARDS alternando com EDVARDS QUE MORREU**

A calma é inimiga da perfeição. Tudo será feito no ímpeto. Não tenho que ponderar nada. Minha função é matar. E pronto. Ilusão a minha que será necessário amar Salvatória. Chega de minúcias. De agora em diante, só as objetividades. Eis a vida, senhores: quanto mais simples, melhor. Espera: é isso. Minha simplicidade de antes

será minha mais aguda arma contra as armadilhas da vida de agora. Voltarei para meu corpo original, o outro será esquecido. Mas, como esquecê-lo? Será possível? Terei mesmo capacidade para a transformação? Serei lagarta ou borboleta ou nenhuma ou ambas? Melhor ser aquilo que somos, sem nenhum desejo externo. Mas, espera: este desejo é exatamente isto: externo. Não meu. Já o admiti há muito, não há mais como voltar atrás. Serei aquele outro. O novo. Porque tudo o que é novo é bom. E tudo o que é bom é forte. Serei assim: forte. Serei? Não serei. Melhor que não seja nada. Houve um engano. Tive sonhos? Quem confunde um sonho com a realidade hoje em dia? Os ignorantes. Não passo de um. Da pior espécie: dos ignorantes que sonham. Desculpe, senhora Ipsolônia: sonhei-me alguém que não serei nunca. Ela dirá, impaciente: pouco me importa. É uma ordem. É isso: uma ordem. Interessa apenas que eu a cumpra. E pronto. Nada mais. Matar Salvatória? Matarei Salvatória. Que culpa pode haver num homem que apenas cumpre sua função? Toda culpa do mundo. A senhora Ipsolônia apenas comemorará a concretização de seu desejo torpe, como se um jantar para figuras distintas tivesse sido bem sucedido. E eu? Conseguirei lavar o sangue de minhas mãos? Conseguirei. Porque já lavei coisas piores. E debelei piores cheiros. E crostas de carne quase impossíveis de serem separadas das postas nobres. Porque sou sobretudo um homem forte. Mas sou simples. Mas forte e simples. Mas tolo. Forte e simples e tolo, serei mais? Ou menos. Tenho muito medo das coisas que não conheço. Mas só até que as conheça. Sou um ignorante tolo. Sou um assassino frio. Sou um serviçal convicto. Sou um homem de bem, que cumpre o bem, seja ele vil. Fui renovado em minhas possibilidades. Agora posso tudo... Nada. Nada além dos cortes, faxina e banhos. É isso, sou aquele homem simples de antes, nada mudou. Fechar os olhos, acreditar nos sonhos apenas como símbolos - importantes símbolos, mas nada mais. Sonhar é minha forma de ser feliz: quer maior humanidade? Não às coisas que mudam. É preciso coragem para permanecer...

*Ele fica em Edvards que Morreu.*

**EDVARDS**

Abra os olhos.

**EDVARDS QUE MORREU**

Não, agora não...

**EDVARDS**

Abra os olhos, agora!

**EDVARDS QUE MORREU**

Perverterei a lógica: não haverá mais sonho porque tudo será sonho...

**EDVARDS**

Mentira, Edvards... Abra seus olhos... Ela está aqui!

## CENA 14. ENFIM, SALVATÓRIA

*Ele abre os olhos. Salvatória está de pé, distante de Edvards.*

### **EDVARDS QUE MORREU**

Meu Deus: mas justo agora que, depois de tudo o que vivi, sou o mesmo!

### **EDVARDS**

Exatamente porque você viveu tudo o que viveu que agora você não é o mesmo.

### **EDVARDS QUE MORREU**

Mas o terno de linho, a camisa de seda, o lenço de cetim?

### **EDVARDS**

Tens a pele e o pelo de Edvards, o homem que és...

### **EDVARDS QUE MORREU**

Não sou nada...

### **EDVARDS**

Que seja este seu dom. Não ser nada!

### **SALVATÓRIA (de longe)**

Olá...

### **ECO**

Olá... Olá...

### **EDVARDS**

Ela está falando com você.

**EDVARDS QUE MORREU**

O que eu respondo?

**EDVARDS**

Olá.

**EDVARDS QUE MORREU**

Olá!

**ECO**

Olá... Olá...

**SALVATÓRIA**

Estás sozinho aqui?

**ECO**

Aqui... aqui...

**EDVARDS**

Não.

**ECO**

Não? Não?

**EDVARDS QUE MORREU**

Sim!

**ECO**

Sim... Sim?

**EDVARDS**

Mas, você não está!

**SALVATÓRIA**

E não viste mais ninguém?

**ECO**

Ninguém... ninguém...

**EDVARDS**

Como assim, ninguém?

**EDVARDS QUE MORREU**

Como assim, ninguém?

**ECO**

Ninguém... ninguém...

**SALVATÓRIA**

Alguém...

**ECO**

Alguém... Alguém...

**SALVATÓRIA**

... mais garboso!

**ECO**

Garboso... Garboso...

**EDVARDS**

O que ela quer dizer com 'mais garboso'?

**SALVATÓRIA**

Tu pareces tão simples!

**ECO**

Ninguém... ninguém...

**EDVARDS QUE MORREU**

Estou só!

**ECO**

Ninguém... Ninguém...

**EDVARDS**

Mas você não está só!

**EDVARDS QUE MORREU**

Estamos. Eu e você. Não nos somamos.

**SALVATÓRIA**

O quê?

**ECO**

O quê... o quê...

**SALVATÓRIA**

Fale mais alto!

**ECO**

Alto... Alto...

**SALVATÓRIA**

Não posso te escutar daqui...

**ECO**

Daqui... daqui...

**EDVARDS QUE MORREU**

Chegue mais perto!

**ECO**

Mais perto... mais perto...

**EDVARDS**

Não! Ainda não! Peça que ela permaneça distante...

**SALVATÓRIA**

Mais perto?

**ECO**

Mais perto... Mais perto...

**EDVARDS QUE MORREU**

Mais perto! Mais perto!

**ECO**

Mais perto... mais perto...

**EDVARDS**

Não.

**SALVATÓRIA**

Não sei!

**ECO**

Mais longe... mais longe...

**EDVARDS**

Ela está com medo.

**EDVARDS QUE MORREU**

A senhora está com medo de mim?

**ECO**

De mim... De mim...

**SALVATÓRIA**

Sim!

**ECO**

Longe... Longe...

**EDVARDS**

Olhe pra você. Quem não teria medo?

**EDVARDS QUE MORREU**

Por quê?

**ECO**

Por que... por que...

**SALVATÓRIA**

Estamos sós!

**ECO**

Sós... sós...

**SALVATÓRIA**

Poderias fazer-me algum mal!

**ECO**

Longe... Longe...

**EDVARDS**

Quem não teria medo de você?

**EDVARDS QUE MORREU**

Nunca ninguém teve medo de mim...

**SALVATÓRIA**

O quê?

**ECO**

O quê... O quê...

**EDVARDS QUE MORREU**

Se desperto medo, não sou o mesmo.

**EDVARDS**

Não seja burro!!!

**ECO**

Burro... burro...

**SALVATÓRIA**

Tu em chamaste de quê?

**ECO**

De quê... de quê...

**EDVARDS QUE MORREU**

Ela escutou você!

**EDVARDS**

Não acredito...

**EDVARDS QUE MORREU**

Tenta de novo.

**EDVARDS**

Da redenção de meus hormônios!

**ECO**

Hormônios... Hormônios...

**SALVATÓRIA**

Meu Deus! É ele...

**EDVARDS**

O quê?

**ECO**

O quê... O quê...

**SALVATÓRIA**

Teu sentimento é intenso e vibrátil?

**ECO**

Perto... Perto...

**EDVARDS QUE MORREU**

Como assim, vibrátil?

**ECO**

Mais longe... mais longe...

**EDVARDS**

Cale sua boca. Apenas, mova seus lábios...

**SALVATÓRIA**

Eu sabia: não pode ser ele. Vou-me embora daqui.

**EDVARDS**

Meu sentimento é intenso e vibrátil!

**ECO**

Vibrátil... Vibrátil...

**EDVARDS**

E tu o receberás como um acalanto!

**ECO**

Acalanto... Acalanto...

**EDVARDS**

E te será bom e será definitivo!

**ECO**

Mais perto... mais perto....

**SALVATÓRIA**

É ele... É ele...

**EDVARDS**

O quê?

**ECO**

O quê... O quê...

**EDVARDS QUE MORREU**

Ela ainda tem medo.

**EDVARDS**

Quem não teria?

**EDVARDS QUE MORREU**

Não tenha medo!

**ECO**

Medo... Medo...

**SALVATÓRIA**

Tenho medo de quem me pede para não ter medo!

**ECO**

Longe... Longe...

**EDVARDS**

Aproveita teu medo!

**ECO**

Teu medo... Teu medo...

**EDVARDS**

Um tiro certo no teu peito!

**ECO**

Teu peito... Teu peito...

**EDVARDS**

Minha extremidade mais retumbante...

**ECO**

Retumbante... retumbante...

**EDVARDS e SALVATÓRIA**

Em todas as tuas frestas úmidas!

**ECO**

Úmidas... Úmidas...

**EDVARDS QUE MORREU**

Ainda tens medo de mim?

**ECO**

De mim... De mim...

**SALVATÓRIA**

Tenho!

**ECO**

Longe... Mais longe...

**SALVATÓRIA**

Mas acho bom tê-lo!

**ECO**

Perto... Perto...

**SALVATÓRIA**

Alimenta minha libido!

**ECO**

Mais perto... Mais perto...

**SALVATÓRIA**

Vejo-te assim de longe...

**ECO**

De perto... De perto...

**SALVATÓRIA**

E és rude!

**ECO**

Perto... De perto...

**SALVATÓRIA**

Escuto-te...

**ECO**

De longe... De longe...

**SALVATÓRIA**

E és grosseiro!

**ECO**

Perto... Mais perto...

**SALVATÓRIA**

Tal digressão me aguça os sentidos!

**ECO**

Sentidos... Sentidos...

**EDVARDS e EDVARDS QUE MORREU**

Então, chega mais perto!

**ECO**

Mais perto... Mais perto...

**SALVATÓRIA**

Manda tu!

**ECO**

Manda tu... Manda tu...

**SALVATÓRIA**

Obedeço!

**ECO**

Úmido... Úmido...

**EDVARDS e EDVARDS QUE MORREU**

Chega mais perto!

**ECO**

Mais perto... Mais perto...

**EDVARDS**

Chega mais perto!!!

**ECO**

Medo... medo...

**EDVARDS QUE MORREU**

Chega mais perto como se fosses um cachorro!

**ECO**

Cachorro... Cachorro...

**EDVARDS**

Como um baile!

**ECO**

Cachorro... Cachorro...

**EDVARDS QUE MORREU**

Como um cavalo!

**ECO**

Um sonho... Um sonho...

**EDVARDS**

Como uma flor!

**ECO**

Uma flor... Uma flor...

**EDVARDS QUE MORREU**

Uma víbora!!!

*O Eco vai diminuindo à medida que eles se aproximam.*

**ECO**

Mais perto... Mais perto...

**EDVARDS QUE MORREU**

És um bicho.

**ECO**

Um bicho...

**SALVATÓRIA**

Faz-me um se não o for.

**ECO**

Úmida...

**EDVARDS**

És uma flor...

**ECO**

Uma flor...

**SALVATÓRIA**

Não!

**ECO**

Mais longe...

**SALVATÓRIA**

Prefiro ser um bicho...

**ECO**

Um bicho...

**SALVATÓRIA**

Bicho insano...

**ECO**

Um bicho...

**EDVARDS**

Deixa que eu...

**EDVARDS QUE MORREU (para Edvards)**

Cala a tua boca!

**ECO**

Tua boca...

**SALVATÓRIA**

Pelo visto, tu és também!

**EDVARDS (para Edvars que Morreu)**

Não!

**SALVATÓRIA**

Então não é necessário que o sejas. Serei para nós dois!

**EDVARDS QUE MORREU (para Salvatória)**

Sou! Um bicho tão insano como tu.

**SALVATÓRIA**

Eu sei que és! Mas não mais do que eu!

**EDVARDS**

Mas, então...

**EDVARDS QUE MORREU (para Edvars)**

Cala sua boca!!!

**SALVATÓRIA**

Calo apenas se a encheres com tuas mãos grossas e rudes...

**EDVARDS**

Não!

**SALVATÓRIA**

Espera... tuas mãos não são grossas e rudes... São delicadas como as de uma criança...

**EDVARDS QUE MORREU (para Salvatória)**

Cala tua boca!

**SALVATÓRIA**

Nem tens nos olhos brio mais pungente que eu! Não tens nem fome em riste! E nem beleza em flor!

**EDVARDS QUE MORREU e EDVARDS**

Mas...

**SALVATÓRIA**

Espera! Conheço-te!

**EDVARDS QUE MORREU e EDVARDS**

Não!

**SALVATÓRIA**

Esse jeito de cachorro adestrado...

**EDVARDS QUE MORREU**

Cachorro adestrado é a puta que te pariu!

**SALVATÓRIA**

...de empregado subserviente...

**EDVARDS**

...bicho assustado, pobre coitado, simples e fraco...

**EDVARDS QUE MORREU**

Não! Eu sou forte!

**SALVATÓRIA**

Mentira! Lembro-me perfeitamente de você. Você é fraco como uma criança. Simples como um bicho. Irrelevante como uma estátua. Você... é... o... empregado de Ipsolônia!

**ECO**

Ipsolônia... Ipsolônia...

**EDVARDS e EDVARDS QUE MORREU**

Que vai matar-te!

**SALVATÓRIA**

Ipsolônia encomendou minha morte?

**ECO**

Ipsolônia... Ipsolônia...

**EDVARDS e EDVARDS QUE MORREU**

Tua morte é a única verdade possível.

**ECO**

Ipsolônia... Ipsolônia...

**SALVATÓRIA**

Então porque não me mata agora?

**ECO**

Agora... Agora...

*Nas próximas falas Edvards e Edvards que Morreu trocam de roupa.*

**EDVARDS QUE MORREU**

Porque, simples que sou, eu trouxe aqui uma obrigação maturada na minha função de empregado servil. Trouxe também um desejo, aprendido em minhas mais recentes peripécias. Mas, pobre de mim, não trouxe nenhum instrumento.

**SALVATÓRIA**

Como assim, um instrumento?

**ECO**

Faca... arma... bala... foice... pau... pedra...

**EDVARDS QUE MORREU**

Algo com que eu pudesse extirpar a vida de ti.

**ECO**

Faca... arma... bala... foice... pau... pedra...

**SALVATÓRIA**

Não tens mãos?

**ECO**

Faca... arma... bala... foice... pau... pedra...

**EDVARDS**

Ela está tripudiando de você!

**EDVARDS QUE MORREU**

Ela tem razão...

**ECO**

Razão... razão...

**SALVATÓRIA**

O quê?

**ECO**

Razão... razão...

**EDVARDS QUE MORREU**

Chega mais perto para que meus braços te alcancem...

**ECO**

Faca... arma... bala... faca... arma... bala...

**EDVARDS**

Terias coragem de matar com as mãos?

**SALVATÓRIA**

Achas que tenho medo?

**ECO**

Medo...

**EDVARDS**

Ela está tripudiando de você...

**EDVARDS QUE MORREU**

Não tens medo da morte?

**SALVATÓRIA**

Da morte, sim.

**ECO**

Morte...

**SALVATÓRIA**

De você?

*Gargalhada sinistra de Salvatória. Seguida de gargalhada sinistra do Eco.*

**EDVARDS**

Ela continua tripudiando de ti!

**ECO**

Medo... morte... medo...

**SALVATÓRIA**

Eu tenho medo da morte, mas não tenho medo de você!

**EDVARDS QUE MORREU**

Da morte... medo... morte... medo...

**ECO**

Naquele momento de humilhação máxima...

**SALVATÓRIA**

Chega mais perto. Neste momento, sua insignificância é, até, atraente...

**ECO**

O pobre Edwards... Edwards...

**EDVARDS QUE MORREU**

É isso o que significava quando eu entrelaçava, em pensamento, amor e morte?

**ECO**

...lembrava, sem querer, de Ipsolônia.

**EDVARDS**

Nada disso adianta mais, estúpido. Ela está ali a poucos passos de suas mãos. Bastará que levante os braços e aperte seu pescoço como quem torce as roupas mais densas. Você irá olhar fundo em seus olhos e não irá sorrir. Ela implorará por clemência, mas você, como é covarde, fechará os olhos para não padecer do dó mais humano que lhe acompanha e que não saiu de você. Você está preparado para a morte, Edwards?

**EDVARDS QUE MORREU (tocando, de leve, o rosto de Salvatória)**

Tu estás preparada para a morte?

**SALVATÓRIA**

Como um porco no abatedouro.

**EDVARDS**

Foge, Edvards. Estas palavras são dúbias!

**EDVARDS QUE MORREU**

Cala sua boca!

**SALVATÓRIA**

Somente se tiver a audácia de tapá-la com suas mãos que são rudes...

**EDVARDS QUE MORREU**

És velha e franzina, senhora. Posso mata-la facilmente...

**SALVATÓRIA**

Não quero a morte! Quero a cópula em nome da morte!

**EDVARDS**

Ela continua a tripudiar de você! Mata agora!

**EDVARDS QUE MORREU**

Eu não posso!

**SALVATÓRIA**

Você é brocha?

**EDVARDS QUE MORREU**

Não estou falando com você!

**SALVATÓRIA**

É rude!

**EDVARDS QUE MORREU**

És tola!

**SALVATÓRIA**

Adoro homens rudes!

**EDVARDS**

Vou matar você!

**EDVARDS QUE MORREU**

Eu não sou brocha!

**SALVATÓRIA**

Então, empunha a única arma que tem contra mim. Empunha agora!

**EDVARDS E EDVARDS QUE MORREU**

Eu vou matar você!

**SALVATÓRIA**

Me fode e depois me mata!

**EDVARDS QUE MORREU**

Amar e foder. Eis a solução do enigma!

**SALVATÓRIA**

Então, homem, que se apresente agora sua arma!

**EDVARDS**

Corre, Edvards!

**SALVATÓRIA**

Que me foderá e depois me matará. Porque assim o desejei!

**EDVARDS QUE MORREU**

Eu não tenho medo!

**SALVATÓRIA**

Tenha medo!

**EDVARDS**

Tenha medo, homem!

**SALVATÓRIA**

Não tem nada. Nem arma, nem força, nem desejo, nem medo!

**EDVARDS QUE MORREU**

Tu?

**SALVATÓRIA**

Tenho!

**EDVARDS QUE MORREU**

Desejo? Talvez. Força? Nenhuma. Arma?

**SALVATÓRIA**

Sim!

*Salvatória revela um revolver.*

**SALVATÓRIA**

Querias me matar? Vou matar você. Minha arma tem nome. E o nome dela é vingança. Não se brinca assim com os desejos de ninguém. Muito menos com os meus!

## **EDVARDS E EDVARDS QUE MORREU**

Corre, Edvards!

*Edvards e Edvards que Morreu correm, mas Salvatória atira e ambos caem. Durante o texto de Salvatória, entram os contrarregras e a tiram de cena, de forma que o final do texto dela é apenas ouvido.*

### **SALVATÓRIA**

‘Matei um homem’, Salvatória pensou. Um homem contratado a revelar para, iludindo-a, matar-lhe também. Jogou fora a arma para poder admirar as próprias mãos. Aquela senhora que tivera uma experiência de quase morte, conheceu a morte inteira. Ela não se deu o trabalho de ir ver o cadáver de perto, pois era nela mesma, em seu corpo envelhecido, mas agora terrivelmente revigorado, que ela pensava. Chegou a virar o rosto levemente para avistar o homem caído no chão, mas preferiu ir pra casa sem mais. Queria sorver a delícia do gatilho que se impôs ao homem, o som fatal, agudo e oco da bala penetrado seu tórax. Entregar-se-ia à noite pra depois, no dia seguinte, no horário habitual, renascer durante o chá.

*Tempo longo. Edvards se levanta, com dificuldades.*

### **EDVARDS**

Que insanidade: estou vivo. Cheguei, por alguns segundos, a duvidar até disto. Quase morri. Também, como pude esquecer um instrumento de morte! Tantas facas (e facas boas) na cozinha e não trouxe nenhuma! Mas, eis a benfazeja sorte se revelando pra mim. Estou vivo. A mulher errou o tiro!

### **EDVARDS QUE MORREU (se movimentando com dificuldade)**

Não. Ela não errou!

### **EDVARDS**

Tu estás ferido...

### **EDVARDS QUE MORREU**

Não se contradiga, Edvards. Não se morre duas vezes.

### **EDVARDS**

Tu me salvaste. No momento do tiro tomaste minha frente.

### **EDVARDS QUE MORREU**

Querias renascer, homem? Renasceu.

### **EDVARDS**

A que preço?

### **EDVARDS QUE MORREU**

Não se espantes comigo. Neste momento eu sou exatamente o contrário do que estas suas lágrimas apregoam. Agora eu sou a confirmação inexorável de que você é outro. Um homem forte nascido de um fraco. Este aqui que agoniza em sua frente, é o fraco. Entende? Era necessário que morresse e renascesse. Não é você tão afeito a enigmas? Resolva mais um, Edvards. Agora vá, cumpre definitivamente sua missão e seu destino. Olha: ela deixou cair ali o que lhe faltava para tornar-se um assassino completo.

*Edvards lentamente dirige-se à arma caída no chão. A toma.*

### **EDVARDS**

Matar Salvatória?

### **EDVARDS QUE MORREU (de longe)**

Não é Salvatória que terás que matar, imbecil.

### **EDVARDS (idem)**

E a quem devo matar?

*Tempo.*

### **EDVARDS (idem)**

Quem é que devo matar?

*Tempo longo. Entram contrarregras e tiram o corpo inerte de Edvarda que Morreu de cena.*

### **EDVARDS QUE MORREU**

É óbvio que Edvarda que Morreu não respondeu. Não tanto para provar que se mantinha adorador dos enigmas, mas para incrementar a dramaticidade desta história que se narra. Renovado em sua força e em sua esperança, cada vez mais certo de ter virado um novo homem, Edvarda foi pra casa. Decidido a resolver um enigma que, daquela vez, parecia óbvio demais.

## CENA 15: A POÇÃO

*Black out total. Começa a se formar uma fumaça espessa, como uma porção que se prepara. Agora se distingue: há duas cenas no palco. De um lado, Semenda prepara algum veneno, no outro, Edvards com a arma.*

### **SEMENDA e EDVARDS**

De minhas mãos sutis o pó da desgraça  
que a vida humana destroça,  
a felicidade arregaça,  
o pó da minha desgraça.

O líquido que fulmina toda a graça,  
sanguinolência espessa,  
devassidão que não passa,  
que fulmina a graça.

Mistura que a vida devassa  
e que nada mais me impeça,  
de estuporar a couraça,  
dessa mulher que é devassa.

Quem não se fortalece, fracassa.  
Que minha sina não seja essa.  
E envolta em grossa fumaça  
a vingança já não fracassa.

“Se não for agora, não será depois. Se não for depois, terá que ser agora. Se não for agora, será em um momento qualquer. Estar pronto é tudo”.

*Semenda despeja a poção em aparelhos de chá sobre a mesa. Edvards guarda a arma na cintura.*

## CENA 16. REVELAÇÕES

*A cena permanece dividida. Em um lado, casa da Salvatória, no outro, casa de Ipsolônia. Num lado, Semenda prepara a mesa do chá, do outro é Edvards quem prepara. No fim do texto de Edvards, trazem Ipsolônia e Salvatória.*

### **EDVARDS**

Edvards voltou para casa como um bicho pisado que ainda resistisse vivo. Eis a transformação mais pujante daquele homem simples: acordou daquele pesadelo metamorfoseado num imenso inseto. Teve nojo de si, depois, uma pena infinita, era quase como se fosse outro. Entrou para o próprio quarto e chorou. Assim, as pernas dobradas no chão, o corpo largado como se todo enrijecimento de seus músculos tivesse subitamente desaparecido, corpo sem tendões, adormeceu. E foi uma noite fria. Úmida. Estaria sonhando, o pobre homem? No dia seguinte, acordou como se nunca tivesse existido o dia anterior. Mas uma dor intensa nas articulações trouxe a memória de que a verdade incomoda, agita sentidos, explode ilusões. Tomou o banho frio reservado aos criados, vestiu o uniforme das segundas-feiras e, como de costume, estava ali, chá nas mãos para servir à sua patroa, senhora elegante e vil, a quem devotara os anos todos, senhora plena. Repetiu, na mente, diversas vezes, para si mesmo, “vou matar Ipsolônia”, certo de que não cometeria duas vezes o mesmo erro. Segundos antes de tomar seu posto, como estava sozinho na imensa sala, disse, entre os dentes: “Vou matar Ipsolônia”, e a felicidade que lhe atravessou foi tão radiante que, como uma criança, quis gritar. Mas, irredutível, o relógio tocou cinco horas.

*A mesa está posta. Edvards e Semenda impassíveis, atrás dos móveis. Cinco badaladas de relógio.*

**IPSOLÔNIA** (*fala junto com Salvatória, a Edvards*)

Desgraçado!

**SALVATÓRIA** (*a Semenda*)

Desgraçada!

**SALVATÓRIA** (*a Edvards*)

Minha raiva atíça meu ódio!

**IPSOLÔNIA** (*a Edvards*)

Meu ódio ulula minha raiva!

**SALVATÓRIA** (*a Semenda*)

Não, energúmena, não me olhe assim.

**IPSOLÔNIA** (*a Edvards*)

Olha pra mim!

**SALVATÓRIA** (*a Semenda*)

Não estou falando de você.

**IPSOLÔNIA** (*a Edvards*)

Imprestável!

**SALVATÓRIA** (*a Semenda*)

Estou falando de alguém ainda mais desgraçada que você.

**IPSOLÔNIA** (*a Edvards*)

Podia haver tarefa mais simples que matar aquela velha decrépita?

**SALVATÓRIA** (*a Semenda*)

Se bem que você também é bem desgraçada.

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Se eu soubesse que você era imprestável tinha pedido a outra pessoa.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Mas nem toda sua desgraça acumulada faria frente à decrepitude daquela velha.

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Como pude confiar em você, Edvards?

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Fecho os olhos e quem é que surge em minha memória?

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Que inocente eu fui...

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Ipsolônia!

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Olhe pra você.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

A mais vil!

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Você é um nada ambulante.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Que gestos são esses, imbecil?

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Você é um homem que não se pode chamar de homem.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

O que significa isto? Um dedo? Um galho de árvore? Um pênis? Quase?

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Rastro distante de um homem vivo.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Ah! Um homem!

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Ausência do que define um homem num homem.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Já sei! Quer saber como era o homem que me escreveu aquela carta cheia de erudição e sacanagem?

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Um não homem!

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Não era um homem, exatamente. Era...

**IPSOLÔNIA E SALVATÓRIA**

Todos os sinônimos da fraqueza, um surto ignóbil do que um dia foi um homem, um micro homem, quase nada, um desperdício de corpo de homem, uma piada quase homem, uma lembrança miúda do que teria sido um homem, a ralé da espécie, uma espécie que agoniza, um homem que não se merece, um homem que não se cabe, que não se sustenta, o fim do homem.

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Chora?

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Ri?

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Ou está rindo?

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Ou chora?

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Que cara é essa onde não se antevê a mínima emoção?

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Que ignomínia você quer me dizer agora, gesticulando dessa maneira confusa e vã?

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Não tem voz, Edvards?

**SEMENDA (a Salvatória)**

Estou querendo que a senhora tome essa porcaria desse chá!

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Fala alguma coisa antes que arranque sua língua!

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

O quê, estrupício?

**IPSOLÔNIA (a Edvards)**

Fala agora!!!

**SEMENDA (a Salvatória)**

Toma essa porra desse chá, caralho!

**EDVARDS** (*a Ipsolônia*)

A morte é um detalhe sórdido num mundo impuro.

**SALVATÓRIA** (*a Semenda*)

Ah! Quer que eu tome esse chá?

**IPSOLÔNIA** (*a Edwards*)

Como assim?

**SALVATÓRIA** (*a Semenda*)

Adivinhei seu gesto estabanado, estabanada?

**EDVARDS** (*a Ipsolônia*)

Estamos condenados a nossa mais concreta vilania: ser não sendo.

**SEMENDA** (*a Salvatória*)

Quero que a senhora morra!

**IPSOLÔNIA** (*a Edwards*)

Não entendi nada!

**SALVATÓRIA** (*a Semenda*)

São quatro horas e já quer que eu tome o chá das cinco?

**EDVARDS** (*a Ipsolônia*)

São cinco horas e um de nós deve tremer de medo de quão ranco-roso e rígido é o tempo.

**SALVATÓRIA** (*a Semenda*)

O chá das cinco é a festa dos sentidos nobres!

**IPSOLÔNIA** (*a Edwards*)

Será possível mesmo que eu entreveja qualquer simbologia terrível em seus enigmas?

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Do poder e do dinheiro. Da glória e da força!

**EDVARDS (a Ipsolônia)**

Sim!

**SEMENDA (a Salvatória)**

Da vida e da morte!

*Edwards revela a arma*

**EDVARDS**

Num gesto de fúria, Edwards, finalmente, empunhou toda a sua glória.

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Do amor!!!

**EDVARDS**

Quis rir, o homem, mas, com soberba, reprimiu o próprio vigor.

**SALVATÓRIA**

Ipsolônia, sua maldita!

**EDVARDS**

Apenas arqueou um pouco mais suas sobrancelhas...

**SALVATÓRIA**

Desejaste minha morte, desgraçada?

**EDVARDS**

...e jogou a cabeça um pouco pra trás.

**SEMENDA (a Salvatória)**

Ela desejou e eu desejo! Beba esse chá!

**EDVARDS**

Ipsolônia estava impassível.

**SALVATÓRIA**

Mas eu não desejo a tua.

**EDVARDS**

A mulher tinha uma beleza irremediavelmente sólida.

**SALVATÓRIA**

Tu és fria. Mas eu não!

**EDVARDS**

A ausência de emoções, no entanto...

**SALVATÓRIA**

E se chá é a purificação dos sentidos...

**EDVARDS**

...alimentou a esperança de Edwards que suas palavras provocassem o efeito que desejava.

**SALVATÓRIA**

...não há nada mais nobre que chá!

**EDVARDS**

Pobre homem.

**SALVATÓRIA**

Ao invés de matar-te, Ipsolônia...

**EDVARDS**

Quando se achou um tanto enobrecido pela história recente...

**SALVATÓRIA**

Oferecê-la-ei meu chá!

**EDVARDS**

...pelo o que julgou ser medo na cara da senhora.

**SEMENDA (a Salvatória)**

Não, sua imbecil!

**EDVARDS**

Mas então...

**SEMENDA (a Salvatória)**

Este chá é somente para você!

**EDVARDS**

...descobriu da pior maneira...

**SALVATÓRIA (a Semenda)**

Solta esse chá, Semenda!

**EDVARDS**

...que embora tivesse cumprida uma trajetória normalmente reservada aos heróis...

**SEMENDA (a Salvatória)**

Quem mandou eu servir este chá uma hora mais cedo!

**EDVARDS**

...que, se ele tivesse se transformado...

**SALVATÓRIA (*a Semenda*)**

Solta, imunda! Isso! Agora vou leva-lo para aquela senhora ranco-rosa.

**EDVARDS**

... ele tinha se transformado...

**SALVATÓRIA**

Perdoá-la será a maneira mais rude de castiga-la!

**EDVARDS**

...pra pior!

*Salvatória sai, seguida por uma Semenda notadamente confusa.*

## CENA 17 – MATAR IPSOLÔNIA

### **IPSOLÔNIA**

Seu lixo! Pois acha mesmo que eu teria medo de você? Seu verme! Você insulta a minha trajetória insinuando qualquer esgar de pânico que essa sua arminha em riste possa me provocar. Vai fazer o que com ela? Ferir minhas carnes? Estourar meus miolos? Furar meus olhos? Antes que possa pronunciar em pensamento a palavra ‘assassino’, seu merda, minas unhas já estarão cravadas em suas convicções de serviçal incompetente! Que pensa? Foi incapaz de matar Salvatória, acha-se capaz de me matar? Você está tremendo? Covarde! Sabe o que eu vou fazer? Atirar no seu cu e abrir um tubo que vai sair na sua boca! Fazendo com que, interligando-se, uma coisa vire a outra. Ouviu? Energúmeno! Sua boca é um cu, Edwards! Está tremendo? De raiva? Ou de vergonha? Pois escuta o que eu vou lhe dizer: este aqui é meu peito. Meu peito aberto ante a sua covardia! Quer me matar? Mata agora. Vê: eu o permito. Sou velha. Aos velhos, o cansaço dos anos. Já estou habituada à morte, você sabe. Meu companheiro de meus momentos derradeiros. Você não mata, Edwards. Eu já devia saber. Você é reles demais até para a morte. Pra alcançar um mínimo direito de me matar, você teria que tomar um banho de dignidade, porque, entre nós, a morte é um merecimento. Não se entristeça tanto. Vive os restos de seus dias assim: como quem irá morrer rápido. Mas não irá. Quem não tem expectativa, dura mais. Invejo você, das profundezas de minha fortuna eu invejo você, Edwards. Não chora, menino. Deve haver algum merecimento em sua sina. Ou a mais escancarada desgraça. Desgraçado que és. Mas eu não tenho dó.

### **EDVARDS**

Pois, devias.

### **IPSOLÔNIA**

Ter dó de você?

**EDVARDS**

Queres que eu chore mais?

**IPSOLÔNIA**

Achei que isso que molha seu rosto fosse apenas suor...

**EDVARDS**

Eu teria dó de mim.

**IPSOLÔNIA**

Ter dó de si é uma espécie de prepotência.

**EDVARDS**

Façamos um contrato senhora. Não me pagarás com réstias de sua fortuna. Nem com sobras de teus banquetes. Pagarás meus préstimos com teu dó. Teu dó mais sincero e feminino. Dó humano.

**IPSOLÔNIA**

Quando é que vai entender que tanta piedade só se alimenta da mais profunda vaidade?

**EDVARDS**

Sim, senhora. Eis uma coisa que aprendi nesta jornada inescrupulosa que me obrigaste a empreender. Tenho orgulho de minha simplicidade.

**IPSOLÔNIA**

Quando nasceu esse orgulho besta em você?

**EDVARDS**

Exatamente agora.

**IPSOLÔNIA**

Então é uma invenção.

**EDVARDS**

Falar é inventar verdades, senhora.

**IPSOLÔNIA**

Ou mentiras.

**EDVARDS**

Prefiro as verdades.

**IPSOLÔNIA**

Quais?

**EDVARDS**

Como assim?

**IPSOLÔNIA**

De quais verdades você se ressentente, Edwards? Quais verdades lhe dilaceraram o estômago? Quais verdades escancaram suas vergonhas? Fala uma delas, uma que nunca imaginou contar pra ninguém, uma verdade que seja ao mesmo tempo mesquinha e ridícula como uma piada, mas profunda em você como uma oração.

**EDVARDS**

Não confunde minhas perspectivas, senhora, com tais desdêns...

**IPSOLÔNIA**

Não é desdém, Edwards. É uma ordem. Como você é covarde, seu único intento é obedecê-la, pois não?

**EDVARDS**

Fala de novo para que me convenças.

**IPSOLÔNIA**

Conta uma vergonha agora!

### **EDVARDS**

Quando caíste semimorta daquela vez, eu me apaixonei por ti morta. A morte estampada em tua cara fez de ti uma mulher ainda mais bela. Não é que não sorrisses: o sorriso estava lá, guardado como uma joia. Houve dias que, com o dedo indicador, te fiz rir. E tu rias dos meus pensamentos mais simples. E ríamos juntos, como dois amigos antigos. E na minha simplicidade servil, eu pensava: “Tomara que não acorde nunca, tomara que não morra nunca. Eu a quero assim: ausente de si, de seu despotismo sacana, de sua magnificência tirânica”.

### **IPSOLÔNIA**

Abusou de mim enquanto eu dormia, animal?

### **EDVARDS**

Não! Nunca! Não seria tão vil. Pelo menos não naquele momento. Era um amor pela forma. Um amor distante, contemplativo e silencioso.

### **IPSOLÔNIA**

Pois a mínima chance que houvesse qualquer sexualidade em seus intentos me dá vontade de vomitar.

### **EDVARDS**

Para gente de sua laia é impossível não sexualizar todas as relações, não é?

### **IPSOLÔNIA**

Você conhece o sexo?

### **EDVARDS**

Você conhece o amor?

**IPSOLÔNIA**

Você conhece o amor?

**EDVARDS**

Só é possível matar o que eu tenha amado?

**IPSOLÔNIA**

Se você teve a terrível capacidade de me amar morta, pode me amar viva!

**EDVARDS**

A Senhora não entende. Não viveu as coisas que vivi. Eu era outro homem. Esta história é a minha história.

**IPSOLÔNIA**

Minha vida não pertence à sua história.

**EDVARDS**

Foste tu que a fizeste pertencer no exato instante em que me ordenaste a morte daquela mulher.

**IPSOLÔNIA**

Aquela mulher é invejosa e traiçoeira. Não podia haver duas de nós.

**EDVARDS**

Se não pode haver duas, o correto é que não haja nenhuma, tu não entendes?

**IPSOLÔNIA**

Você é um homem bonito, Edwards...

**EDVARDS**

Não.

**IPSOLÔNIA**

Eu estou dizendo que é, é!

**EDVARDS**

Não, senhora. Estou respondendo tua pergunta de há pouco. Edvards não conhece o sexo.

**IPSOLÔNIA**

E o que isso implica?

**EDVARDS**

Implica que essas suas insinuações corporais e verbais, tentando atrair minha atenção para suas sensualidades, aqui não lhe servirão de nada.

**IPSOLÔNIA**

Vai morrer sem conhecer o sexo?

**EDVARDS**

E quem disse que eu vou morrer?

*Tempo.*

**IPSOLÔNIA**

Ipsolônia não teve tréplica para uma réplica tão assertiva. ‘Como ele ficou interessante’, ela pensou. ‘Porque não o reparei antes?’ Aí, como quem ia morrer, ela, enfim, se arrependeu de toda arrogância. Pensou, solene: ‘pra que tanto dinheiro para uma única pessoa, meu deus?’ E abriu um sorriso, certa de que uma bala na boca selaria sua derradeira humildade. Sorte dela que, como dizia o poeta, o amor pode tudo!

*Entra Salvatória carregando a chaleira. Atrás, cansada e desorientada, vem Semenda.*

## CENA 18 - SALVATÓRIA SALVA IPSOLÔNIA

### **SALVATÓRIA**

Afaste-se dela, seu verme!

*Edwards se assusta, Ipsolônia aproveita para escapar.*

### **SALVATÓRIA**

Olha que mais descarada ironia: mandaste esse traste para me assassinar e eu te salvo dele.

### **IPSOLÔNIA**

Nenhuma palavra calharia tão bem quanto essa, Salvatória:

### **IPSOLÔNIA, EDVARDS E SEMENDA**

Ironia...

### **EDVARDS**

As duas juntas ao alcance de minhas mãos...

### **SEMENDA**

Duas patroas, dois empregados...

### **IPSOLÔNIA (a Salvatória)**

Temos tanto em comum, não é?

### **SEMENDA**

Dois empegados querendo assassinar duas patroas...

### **SALVATÓRIA (a Ipsolônia)**

É, minha querida. E é isso que me traz aqui.

### **EDVARDS**

Amar e matar.

**SEMENDA**

Matar sem amor!

**SALVATÓRIA**

Chama seus outros empregados, Ipsolônia, e queima vivo esse energúmeno!

*Na próxima fala, todos os outros atores da montagem começam, um a um a vestir-se de Edvards, e lentamente vai se formando um enorme coro de Edvards. Entre os dentes e baixíssimo, o coro vai entoando: "Matar Ipsolônia, matar Salvatória".*

**EDVARDS**

Antes que chegue alguém, minha bala já terá aberto a garganta de pelo menos uma de vocês. Porque, agora, só tenho uma bala. Amar e matar. Percebem a ironia. Vocês são duas mulheres péssimas. Nunca amei vocês. Vivas, não. Mas mortas? Quem sabe? Já amei uma. Duas? Será lindo. A morte será meu souvenir. A questão é: quem vai morrer primeiro?

**IPSOLÔNIA**

Foge, Salvatória!

*Elas tentam fugir, mas Semenda barra sua passagem.*

**SALVATÓRIA**

Sai daí, sua imunda!

**SEMENDA**

Não percebe, senhor? Temos a chance de matar as duas!

**IPSOLÔNIA**

Ela é muda?

**SEMENDA**

E burra!

**EDVARDS**

A consciência dessa injustiça social arraigada no vocabulário das senhoras aguça meu desejo de apertar este gatilho.

**IPSOLÔNIA**

Então aperta!

**SALVATÓRIA**

Aperta, imbecil! Aperta agora! Chega de pormenores!

**IPSOLÔNIA**

Abraçaremos-nos. Será selado nosso amor eterno, nosso destino. Com sua única bala você irá matar a nós duas. É isso o que você quer, Edwards? Uma bala e duas mortes?

**SALVATÓRIA**

Eu seria capaz de afirmar que, depois disso, eu preferia morrer.

**EDVARDS**

A gente se transforma com as coisas que a gente não espera, não é?

**IPSOLÔNIA**

E neste homem em quem você se transformou resta um pouco de dignidade?

**EDVARDS**

O que é isto em tuas mãos, senhora Salvatória?

**SALVATÓRIA**

Este é meu presente (e eu não sabia que seria o derradeiro) para esta mulher que ordenou minha morte.

## **IPSOLÔNIA**

Trouxeste teu chá, teu líquido mais precioso do dia, teu momento de purificação e êxtase dos sentidos gustativos para mim?

## **SALVATÓRIA**

Para te perdoar, desgraçada. O chá será a perenidade de nossa história. Morreremos ante esse homem reles que nos ameaça. Sejam, juntas, mais fortes que ele.

## **IPSOLÔNIA**

Eu te recebo, Salvatória, como minha. Esquece os dias e os gestos: não era possível mesmo, matar-te. Fomos feitas uma pra outra. Agora acredito que tivemos a mesma experiência de quase-morte. Tivemos juntas. Só poderemos morrer assim: juntas.

## **EDVARDS**

Vês? Neste homem em que me transformei resta, sim, um tanto de dignidade.

## **IPSOLÔNIA E SALVATÓRIA**

Como assim?

## **EDVARDS**

Eu permito que juntas, compartilhem o último chá.

*Durante a próxima fala de Semenda os Contrarregras, agora formados pelo Coro de Edwards, entram e montam a mesa de chá. Continuam balbuciando “Matar Ipsolônia, Matar Salvatória”.*

## **SEMENDA**

Semenda estava radiante. ‘Ironia imensa’, ela pensou. E, enquanto arrumava a mesa de chá para as senhoras que compartilhavam um romantismo macabro, Salvatória chegou a observá-la sorrindo. Seu lábios gesticularam sem som a frase ‘enorme ironia’, porque, há

meses atrás, a experiência de quase morte em ambas, Ipsolônia e Salvatória, tinha sido deflagrada pelas substâncias que ela mesma, Semenda, havia despejado no chá, naquela mesma chaleira chinesa de valor incalculável. Agora, aumentada sobremaneira a dosagem, ia ser divertido vê-las agonizarem juntas, e qualquer esgar de vida seria sumariamente dissipado pelo tiro. 'Não podia haver ironia maior', ela pensou, no exato momento em que as senhoras estavam preparadíssimas para o chá.

## CENA 19: O CHÁ

### **IPSOLÔNIA**

Ajamos como se estivéssemos a sós.

### **SALVATÓRIA**

Como sempre o fizemos, aliás. Nem ele, nem ela representam qualquer presença considerável.

### **EDVARDS**

E esta arma com que atiraste em mim?

### **SALVATÓRIA**

Esta arma representa.

### **IPSOLÔNIA**

Ignora-o, minha querida.

### **SALVATÓRIA**

Somos nós duas e nada mais.

### **IPSOLÔNIA**

E o chá.

### **SALVATÓRIA**

E o chá!

*Acordes dulcíssimos de uma canção.*

### **IPSOLÔNIA**

Havia teus olhos no campo celeste  
e de lá das estepes, um gesto fizeste  
que meu coração enterneceu.

E cheia de ódio e rancor,  
cheguei a pensar, meu amor,  
que querias ser eu.

### **SALVATÓRIA**

Havia uma história que tu me contaste,  
de tanta beleza, fulgor e contraste,  
que meu coração enterneceu.

Éramos tão parecidas,  
tristes e enriquecidas,  
que o meu amor a ti se rendeu.

### **IPSOLÔNIA E SALVATÓRIA**

Amor que não se se entende,  
não se compreende,  
aqui, acolá,  
amor de chá.

### **SALVATÓRIA**

É triste morrer a teu lado.  
É lindo morrer a teu lado.  
Um beijo sincero e molhado.

### **IPSOLÔNIA**

É lindo estar a teu lado.  
É triste estar a teu lado.  
Um beijo desavergonhado.

### **SALVATÓRIA**

Serás o meu último amor,  
serás o meu eterno amor,  
imerso em pânico e dor.

## **IPSOLÔNIA**

Serás meu amor derradeiro.  
Serás meu amor verdadeiro,  
imerso em pânico e dor

## **IPSOLÔNIA E SALVATÓRIA**

Amor que não se se entende,  
não se compreende,  
aqui, acolá,  
amor de chá.

## **EDVARDS**

Senhoras, perdoem-me a frieza, mas agora é a hora do...

## **IPSOLÔNIA E SALVATÓRIA**

Cala a boca!!!

## **SEMENDA**

Aquele ‘cala a boca’ retumbou no ouvido de Edwards como um tambor gravíssimo e potente. Depois, era como se tudo se tivesse convertido em eco sem som original. Permanecia parado, como um rato, e, sem saber por que, era exatamente como se sentia (e estava até mesmo feliz naquela condição: rato dentro da toca. Sairia de lá algum dia?). Mas, pobre homem, de sua condição de rato ele observou o que nunca pensou observar assim, cru: o amor. Eram vilãs, aquelas mulheres envelhecidas, enfiando reciprocamente mãos e línguas e peles e unhas no corpo da outra, gritando rancores genuinamente convertidos em humores? Riam, as matronas? Convertiam seus dois corpos quase putrefatos em um só, prova de que não é fálico o que penetra um corpo, mas fluido e orgânico, como a alma. Estavam juntas, eram um corpo só, e havia uma arma. Uma única arma para um corpo deliciosamente uno. Uma bala, duas mortes. Atravessaria o corpo de uma e atingiria a outra o inocente projétil? Estavam tão amaciadas pela relação que ‘sim’, concluiu. Então, num

gesto objetivo, Edvards, nosso herói, fez o que, enfim, todo o tempo, se esperava dele.

*Num gesto certo, Edvards dá um pulo e toma todo o chá diretamente o bule. Tempo longo. Quando termina, as atrizes que interpretavam Ipsolônia e Salvatória se levantam, trocam de roupa e também se juntam ao Coro de Edvards. A atriz que interpretava Semenda, enquanto fala, é trocada de roupa pelos Contrarregras, também se transformando em Edvards.*

### **SEMENDA**

Foi quando suas pernas começaram, repentinamente, a perceber o peso de seu corpo - que nem era assim tão grande - que Edvards compreendeu que alguma coisa ali não ia bem. Decidiu-se 'é hora'. Quis dizer: 'é o fim, maculei vosso símbolo principal desse amor nefasto, agora o nefasto sou eu', e, ainda, 'eu não merecia esses adjetivos apontados pra mim como um tiro' e, também, 'as senhoras são perversas demais, não merecem nada de mim, só o tiro', mas, quando quis levantar os braços para, com a mão direita, empunhar o revólver, era como se não tivesse braço. 'O esquerdo, talvez', mas também não. Eis como nasce o mais puro desespero humano: da confusão. Ele não entendia como o tempo pudesse ter ficado assim, repentinamente tão denso. Pobre homem. Não sabia dos ingredientes intensos juntados por Semenda àquele chá para conhecer, com exatidão, os efeitos a que, agora, estaria sujeito. Ele estranhou o sangue que lhe escorria por dentro, como se tivesse engolido uma faca. 'Uma leve indisposição um pouco mais acentuada', pensou, segundos antes de perder completamente as forças e os sentidos. Coitado. Seu corpo estatelado interrompeu, "infelizmente", (ainda lhe sobrou um resto de juízo), a cópula selvagem das duas mulheres.

*Todo o Coro de Edvards cai no chão, inclusive Semenda, sobrando, de pé, Edvards e a Morte, que estava imersa no coro.*

### **SEMENDA (deitada)**

E, como era um homem de atitude, Edvards, olhando fixamente para as duas, ainda tentou pronunciar, num delicioso ato de desobediência: ‘vão tomar nos seus cus’. Mas nenhuma palavra saiu de sua boca. Apenas uma crosta grossa de sangue que lhe pulou como um pequeno roedor assustado ao perceber que sua toca arde em chamas. Não teve tempo de fechar os olhos. Morreu assustado. Não: não interessam mais os chiliques de Ipsolônia, o asco de Salvatória, ou o castigo físico a que Semenda foi submetida (dizem que, sob a dor lancinante, ela até recuperou a voz). Para nós, a partir de agora, elas saíram de cena. E Edvards, este herói quase romântico, não. Aqui está ele. De pé, como um santo. Para exacerbá-lo, ele ficará nu.

*Edvards tira a roupa.*

### **SEMENDA**

Chegado o momento, será esquecido, porque este é o destino das coisas simples. Teve mais medo que ação? Era comum demais o coitado? Então, porque retratá-lo, assim tão extensamente? Porque é no meio comum que brota mais farta a excentricidade, ou alguém aqui se acha, verdadeiramente, normal? Edvards, portanto, foi comum e foi normal e foi belo. E só.

*Tempo.*

## CENA 20 - DANÇA FINAL

### **MORTE**

Não pensei que voltarias assim, tão rápido.

### **EDVARDS**

Olha! De novo uma incompatibilidade explícita. O que é rápido para ti, para mim é lento.

### **MORTE**

Não sejas assim tão prepotente, Edvards.

### **EDVARDS**

Eu não sou.

### **MORTE**

A humildade, quando professada, pode ser confundida com a pior das prepotências...

### **EDVARDS**

Perdão. Entendo-a. Já não quero falar mais nada.

### **MORTE**

Por quê?

### **EDVARDS**

Porque tudo é vão e absorto.

### **MORTE**

Agora, sim. E etéreo e fugidio.

### **EDVARDS**

E, porque não estou triste?

**MORTE**

Porque tudo é vão e absorto e etéreo e fugidio.

**EDVARDS**

Então, permita que eu me cale.

**MORTE**

Uma coisa só morre quando se para de falar dela.

**EDVARDS**

Estamos, estranhamente, concordes.

**MORTE**

Fica tranquilo. Será leve aqui, para ti. Repetirão um pouco teu nome, mas bem pouco. Em breve, outro tomará tuas funções. Uma mancha resistente de teu sangue lavada com palha de aço por duas criadas e tua história será rapidamente trocada. Falarão mais da cortina nova que de ti. E isto é bom, porque poderás morrer em paz, como poucos. Será esta tua redenção. Morrer e permanecer. Todo o resto é silêncio.

**EDVARDS**

Estou pronto.

**MORTE**

Tens certeza?

**EDVARDS**

Como nunca em toda a minha vida. Fui preparado para este momento. A vida é simples.

**MORTE**

E a morte?

**EDVARDS**

Dança comigo?

**MORTE**

Sim.

*Dançam sobre os corpos sem vida dos Edwards.*

## DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES

- 12ponto223b
- Amores e dores no país das flores
- Coração de Porco – Édipo em 4 estações
- Edwards e as Mortes
- Delfrios de Will ou como chupar os ossos de Shakespeare
- Histórias nas Paredes
- Nelson Rodrigues
- O Queijo – Uma comédia sórdida
- Uma novela masculina
- Um homem jogado no sofá ou uma mulher que saiu por aquela porta

Projeto viabilizado com recursos da Lei Aldir Blanc/MG, através da Secretaria Estadual de Cultura e Turismo de Minas Gerais.

Download gratuito de todas as obras: [www.jullianomendes.com](http://www.jullianomendes.com)  
(Julliano com 2 L's)

CULTURA E  
TURISMO



**MINAS  
GERAIS**

GOVERNO  
DIFERENTE.  
SERVIDO  
EFICIENTE.

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO

